



**ISRAEL BLAJBERG**  
Tenente R/2 de Artilharia

# PEÇA ATIROU!

## Contos de Artilharia

LETRACAPITAL

Leia também: do mesmo autor *Estrela de David no Cruzeiro do Sul*. Em mais de cinco séculos de História, militares judeus e seus precursores cristãos-novos e descendentes serviram desde Cabral até as Forças de Paz no Haiti, passando pelo Brasil Colônia, Bandeirantes, Império, Guarda Nacional, chegando aos dias atuais, presentes em todas as Forças e em todas as épocas, na Marinha do Brasil, Marinha Mercante, Exército Brasileiro, Força Expedicionária Brasileira (FEB), Força Aérea Brasileira (FAB) e Forças Auxiliares. O lançamento nacional realizou-se no Museu Histórico do Exército e Forte Copacabana em 11 de maio de 2015, em homenagem à participação do Brasil na II Guerra Mundial, decorridos 70 anos da Vitória Aliada. BLAJBERG, Israel. *Estrela de David no Cruzeiro do Sul*: memória da presença judaica nas Forças Armadas do Brasil – de Cabral ao Haiti. Resende/RJ: Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), 2015. ISBN 978-85-60811-24-3, 680 páginas e 330 imagens.

Pedidos: IBLAJ@hotmail.com

E-book: amazon.com

Leia também: do mesmo autor *Soldados que vieram de longe*. A participação de combatentes brasileiros judeus durante a II Guerra Mundial foi significativa. Alguns se tornaram heróis, agraciados com medalhas como a Silver Star do Exército norte-americano e a Cruz de Combate de 1ª Classe, concedidas apenas em casos de bravura excepcional em combate. O livro apresenta relatos sobre 42 deles, sendo 30 do Exército (26 na FEB), 4 da Marinha, 3 da FAB e 5 da Marinha Mercante. É a história de autênticos heróis, que não hesitaram em expor-se ao duplo perigo, de uma guerra e por serem judeus. O lançamento nacional realizou-se no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, no Leme, Rio de Janeiro, em 19 de outubro de 2008, com a presença de Veteranos da II Guerra Mundial. BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe*. Os 42 heróis brasileiros judeus da II Guerra Mundial. Resende/RJ: Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), 2008. ISBN: 978-85-60811-08-3, 270 páginas e 284 imagens.

Pedidos: IBLAJ@hotmail.com

E-book: amazon.com

Israel Blajberg

Peça Atirou!  
Contos de Artilharia

36 Breves Narrativas

Copyright © Israel Blajberg, 2026

Conforme as Normas de Propriedade Intelectual e Direitos Autorais,  
o conteúdo desta obra pode ser citado ou reproduzido no todo  
ou em parte. Pedese citar a fonte. Livro sem fins lucrativos  
com distribuição preferencial para bibliotecas, instituições histórico-  
-culturais e pesquisadores/estudiosos em geral.

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Rita Luppi

PROJETO GRÁFICO Jenyfer Bonfim

Imagem de capa: Reencenação do Ultimo Tiro da Artilharia  
Brasileira na Itália, pelo Grupo Bandeirante 20º GAC Leve  
Aeromóvel, Barueri/SP - 25/abril/2012, sucessor do III GO 105 da FEB

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

B567p

Blajberg, Israel

Peça atirou! [recurso eletrônico] : contos de artilharia : 36 breves narrativas /  
Israel Blajberg. – Rio de Janeiro : Letra Capital, 2026.

Recurso digital ; 11 MB.

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-308-2

1. Crônicas de guerra 2. Militares – Brasil – Narrativas 3. Livros eletrônicos  
I. Título.

CDD B869.8

26-1108

CDU 82-94(81)

---

Angélica Ilacqua – Bibliotecária - CRB-8/7057

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465

www.letracapital.com.br

À Marlene,  
artista plástica de brilhantes  
ideias que sempre me apoiou  
e incentivou a escrever.

# DEDICATÓRIA<sup>1</sup>

Dedico estes relatos aos saudosos Artilheiros que já se incorporaram às Baterias Celestiais, especialmente alguns daqueles com quem tive a honra de conviver, em momentos que sempre serão recordados.

Gen. Div. Cezar Montagna de Souza – 1934

Cel. Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves – 1936

Gen. Div. Bento José Bandeira de Mello – 1937

Cel. Nilton Freixinho – 1939

Gen. Bda. Sylvio Octavio do Espírito Santo – 1942

Ten. Cel. Mario Raphael Vanuttelli – CPOR/RJ 1942

Cel. Amerino Raposo Filho – 1943

Cel. Antônio Maria Meira Chaves – 1943

Cel. Germano Seidl Vidal – 1943

Cel. José de Sá Martins – 1943

Ten. R/2 Marcos Galper – CPOR/RJ 1943

Cel. Helio Mendes – 1944

Cel. Salli Szajnferber – 1944

Gen. Ex. Jonas de Moraes Correia Neto – 1945

Cel. Stavro Sava – 1946

Gen. Bda. Anápio Gomes-- 1946

Ten. Cel. Odin Barroso de Albuquerque Lima – 1946

Cel. Israel Behar – 1947

Gen. Ex. Antonio Joaquim Soares Moreira – 1948

---

<sup>1</sup> Nota: os anos citados referem-se aos da formatura na EMR, AMAN ou CPOR.

Cel. Noaldo Alves Silva – 1954  
Gen. Ex. Gleuber Vieira – 1954  
Cel. José Luiz Araújo Soares – 1956  
Cel. Rubens Vaz da Cunha – 1956  
Gen. Div. Francisco Stuart Campbell Pamplona – 1956  
Gen. Bda. Geraldo Luiz Nery da Silva – 1960  
Ten. R/2 Sylvio Gomes – CPOR/RJ 1961  
Cel. Roberto Silva Mascarenhas de Moraes – 1962  
Ten. R/2 Egas Moniz de Aragão Daquer – CPOR/RJ 1964  
Gen. Ex. Paulo Cesar de Castro – 1965  
Ten. R/2 Raimundo Orlor Nunes – CPOR/RJ 1965



# SUMÁRIO

Prefácio .....	15
<i>Luiz Seldon da Silva Muniz</i>	
<i>General de Exército, Veterano</i>	
Mensagem do Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais.....	17
<i>Carlos Chagas Vianna Braga</i>	
<i>Almirante de Esquadra (FN)</i>	
Apresentação .....	21
<i>Luciano Antonio Sibinel</i>	
<i>General de Brigada, Veterano</i>	
Introdução – Recordações.....	23
Capítulo 1 – O mais alto valor de uma nação Dia da Artilharia .....	25
<i>10 de junho de 2024</i>	
Capítulo 2 – Dia da Artilharia.....	27
<i>10 de junho</i>	
Capítulo 3 – Artilharia dos Fuzileiros Navais.....	29
Capítulo 4 – ATMOS: desponta uma nova Artilharia .....	33
Capítulo 5 – Astros II – O Holocausto elíptico.....	35
Capítulo 6 – 65 anos do primeiro tiro da Artilharia brasileira na II Guerra Mundial.....	39
<i>(1944 – 2009)</i>	

Capítulo 7 – Pelas costas dos mares profundos .....	42
Capítulo 8 – Náufragos do tempo .....	46
Capítulo 9 – 67 anos do último tiro da Artilharia brasileira na II Guerra Mundial.....	51
(1945-2012)	
Capítulo 10 – Operações da Artilharia Brasileira na Itália .....	55
Capítulo 11 – Rajadas de Fogo.....	60
14 de junho de 2024	
Capítulo 12 – † General de Divisão César Montagna de Souza: Artilheiro da FEB .....	63
(21 agosto 1914 – 8 setembro 2007)	
Capítulo 13 – † Marechal Waldemar Levy Cardoso .....	66
(4 dezembro 1900 – 13 maio 2009)	
Capítulo 14 – † General Octavio Aguiar de Medeiros .....	69
(28 outubro 1922 – 5 setembro 2005)	
Capítulo 15 – Tenente-coronel de Artilharia Mario Raphael Vanutelli – 90º aniversário.....	74
1918-2008	
Capítulo 16 – ☆ Tenente R/2 de Artilharia Marcos Galper – Veterano da FEB .....	79
10 de março de 2011	
Capítulo 17 – 90 anos do Coronel Amerino Raposo Filho – Artilheiro da FEB oriundo da EMR.....	81
Turma 1943	

Capítulo 18 – † Coronel de Artilharia Germano Seidl Vidal – Veterano da FEB .....	83
19 julho 1922 – 4 outubro 2008	
Capítulo 19 – ☆ Coronel Salli Szajnferber – Artilheiro da FEB .....	88
4 de outubro de 1923 – 8 de março de 2010	
Capítulo 20 – O tenente brasileiro judeu que capturou nazistas na II Guerra Mundial.....	92
Capítulo 21 – † Coronel Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves – Artilheiro da FEB .....	94
(1916 – 20 de março de 2010)	
Capítulo 22 – † General de Divisão Heraldo de Farias Portocarrero – Artilheiro da FEB Grupo Da Camino, hoje 21° GAC.....	99
Capítulo 23 – Capitão de Artilharia Correia Lima Fundador e primeiro comandante do CPOR/RJ .....	101
Capítulo 24 – † General de Exército Gleuber Vieira .....	103
(1933-2025)	
Capítulo 25 – O Velho Artilheiro .....	105
Capítulo 26 – Um olhar carioca sobre Marabá .....	109
Capítulo 27 – Bateria da Saudade desfila nos 104 anos do Forte Copacabana .....	113
28 setembro 2018	
Capítulo 28 – Cinco séculos de Artilharia de Costa: início de uma nova era .....	115
2005	

Capítulo 29 – Rito de passagem na Santa Cruz da Barra.....	120
Capítulo 30 – Ordem de Alerta! Guarnecer! .....	124
<i>Artilheiros se reúnem no Dia de Santa Bárbara</i>	
Capítulo 31 – Festa Nacional da Artilharia.....	126
<i>Marechal Emilio Luiz Mallet</i>	
<i>213º aniversário de nascimento – 2014</i>	
Capítulo 32 – Mallet em São Cristóvão .....	128
Capítulo 33 – Festa da Artilharia na Guarnição do Rio de Janeiro .....	134
<i>9 de junho de 2006</i>	
Capítulo 34 – Aniversário do GEsa .....	139
2006	
Capítulo 35 – Os 76 anos do Grupo Escola.....	143
1932 - 2008	
Capítulo 36 – 10 de junho nos quartéis de Artilharia pelo Brasil .....	146
Biograma do autor .....	147
28 imagens selecionadas.....	149
<i>(acervo do autor)</i>	

# SIGLAS

- ACos/1:** Artilharia de Costa da 1ª Região Militar  
**AD1/DIE:** Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária  
**AGRUBAN:** Associação dos Amigos do Grupo Bandeirante  
**AMAN:** Academia Militar das Agulhas Negras  
**Bia:** Bateria  
**Bia CM:** Bateria do Colégio Militar  
**Bia LMF:** Bateria de Lançadores Múltiplos de Foguetes  
**Btl Art do CFN:** Batalhão de Artilharia de Corpo de Fuzileiros Navais  
**BG:** Batalhão de Guardas  
**BE:** Batalhão de Engenharia  
**2ª BO:** Bateria de Obuses  
**23ª Bda Inf Sl:** Brigada de Infantaria de Selva  
**CI:** Centro de Instrução  
**C. Art RJ:** Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro  
**C Art:** Curso de Artilharia  
**CEBRES:** Centro Brasileiro de Estudos Sociais  
**CEP:** Centro de Estudos de Pessoal  
**CEx:** Corpo de Exército  
**ChEM:** Chefe do Estado-Maior  
**CIG:** Campo de Instrução de Gericinó  
**CLF:** Comandante da Linha de Fogo  
**CML:** Comando Militar do Leste  
**CMSE:** Comando Militar do Sudeste  
**CPOR:** Centro de Preparação de Oficiais da Reserva  
**CZA:** Centro da Zona de Ação  
**DE:** Divisão de Exército  
**DIE:** Divisão de Infantaria Expedicionária  
**DPEP:** Departamento de Pesquisas e Estudos de Pessoal  
**EAC:** Escola de Artilharia de Costa  
**ELO:** Esquadilha de Ligação e Observação  
**ENE-UB:** Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil

**EME:** Estado Maior do Exército  
**EMR:** Escola Militar de Realengo  
**EsAO:** Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais  
**EsACosAAe:** Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea  
**FC:** Forte Copacabana  
**GAC:** Grupo de Artilharia de Campanha  
**GACos:** Grupo de Artilharia de Costa  
**GADo:** Grupo de Artilharia de Dorso  
**GAC L:** Grupo de Artilharia de Campanha Leve  
**GC:** Grupo de Combate  
**GEsA:** Grupo Escola de Artilharia  
**GMAC:** Grupo Móvel de Artilharia de Costa  
**GO:** Grupo de Obuses  
**1° GAC SI:** Grupo de Artilharia de Selva  
**8° G A Cos M:** Grupo de Artilharia de Costa Motorizado  
**2° GO 105 FEB:** Grupo de Obuses 105 da Força Expedicionária Brasileira  
**I G Can Au A Ae 40:** 1° Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreos  
**HNO:** Hora no Alvo  
**Hipo:** Hipomóvel  
**IPEA:** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
**MME:** Ministério das Minas e Energia  
**Mun:** Munição  
**NPOR:** Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva  
**OM:** Organização Militar  
**PC:** Posto de Comando  
**PDC:** Palácio Duque de Caxias  
**PO:** Posto de Observação  
**RAAAe:** Regimento de Artilharia Antiaérea  
**RAPC:** Regimento de Artilharia Pesada Curta  
**ROAuR:** Regimento de Obuses Autorrebotados  
**SE:** Sudeste  
**SOAMAR-RIO:** Sociedade de Amigos da Marinha  
**TO:** Teatro de Operações  
**Tu:** Turma  
**Ten:** Tenente  
**UNEF:** United Nations Expeditionary Force

## PREFÁCIO

Foi ao término de uma solenidade militar no Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste, que o Tenente R2 de Artilharia Israel Blajberg entregou-me um envelope com as páginas do seu novo livro, intitulado *Peça atirou! Momentos de Artilharia*. Tive, assim, o privilégio de ler, em primeira mão, as 36 crônicas centradas no ambiente da “poderosa”, que revelam o perfil de destacados chefes do passado, evocam ações em combate, relatam comemorações artilheiras e apresentam novos armamentos.

Para os mais antigos, como eu, sua leitura permite rememorar episódios que vivenciamos na carreira, lembrando chefes e camaradas da Arma de Mallet, quartéis e campos de tiro que frequentamos, canhões e obuseiros que guarnecemos nas unidades de artilharia a cavalo, montada e autorrebocada. Apresenta-nos, também, armas modernas como os sistemas Astros e Atmos, que não chegamos a conhecer.

Já para os artilheiros atualmente no serviço ativo, que operam armamentos com alta eficácia, rapidez no emprego e grande alcance, ela permitirá conhecer melhor a tradição artilheira e o significado do “mais alto valor de uma nação”.

Finalizo parabenizando o Tenente Blajberg pela iniciativa de perenizar estas memórias e pelo serviço que presta ao Exército brasileiro, enriquecendo o histórico de uma das Armas que o integram.

*General de Exército, Veterano Luiz Seldon da Silva Muniz  
Antigo Comandante Militar do Leste 2001-2003  
Secretário da Ordem dos Veteranos Artilheiros*



# MENSAGEM DO COMANDANTE-GERAL DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

A trajetória da Artilharia no Brasil confunde-se com a própria formação do país, contribuindo decisivamente para a consolidação de sua soberania sob o trabalho diligente de artilheiros que, ao longo dos séculos, atuaram com precisão, coragem e profissionalismo.

Esse legado percorre desde os canhões portugueses que resguardaram o litoral contra as invasões europeias; pelos obuses do Terço da Armada que, em 1625, expulsaram os holandeses de Salvador; pelo papel dos Artilheiros Marinheiros, que tomaram Caiena dos franceses em 1809; pela artilharia do Marechal Emílio Mallet e pelos canhões dos navios sob o comando do Almirante Barroso e do Almirante Tamandaré, que abriram os caminhos até Assunção na Guerra do Paraguai; pelo disparo brasileiro em solo europeu durante a II Guerra Mundial, em 1944; até alcançar o marco contemporâneo do lançamento, a partir de plataforma litorânea, do míssil antinavio de superfície MANSUP.

Nesse contexto, o livro *Peça atirou!* convida o leitor a revisitar momentos singulares da Arma, desde suas raízes nos combates que moldaram o Brasil até relatos de oficiais que, com competência e abnegação, enriqueceram sua tradição ao longo do tempo.

Como fuzileiro naval da Marinha do Brasil, ressalto que a própria gênese do Corpo de Fuzileiros Navais encontra-se ligada à Artilharia de Marinha, estrutura que correspondia, à época, à centralidade do Poder Naval nas lutas pela consolidação da Independência, travadas em um vasto teatro caracterizado pela maritimidade e por severas limitações para deslocamentos terrestres das Forças destinadas à aplicação do poder militar. Nessa condição de Artilharia de Marinha, os fuzileiros-marineiros e artilheiros-marineiros participaram de forma decisiva dos combates que garantiram a emancipação política do Brasil.

Esta obra, no entanto, vai muito além da trajetória dos fuzileiros navais, ampliando o foco para a Artilharia como um todo, ao reunir relatos de oficiais do Exército brasileiro. O Marechal Levy Cardoso, os generais Montagna e Portocarrero, o Tenente Marcos Galper e o Tenente-Coronel Vanutelli, cujas histórias nos enchem de orgulho, demonstram a relevância e o valor da Artilharia nas diferentes Forças.

As vivências dos fuzileiros navais e da tropa terrestre da Arma de Artilharia do Exército brasileiro demonstram que a preparação constante constitui o alicerce indispensável para formar combatentes aptos a atuar em qualquer cenário, assegurando, de modo contínuo, a defesa da soberania nacional.

Assim, o conjunto de informações reunidas nesta obra constitui valiosa referência para que os militares de hoje compreendam os desafios superados ao longo da trajetória da Arma e, a partir desse entendimento, continuem a edificar a Artilharia do futuro, preservando a memória do seu patrono, Marechal Emílio

Mallet, e de todos aqueles que contribuíram para o seu aperfeiçoamento, seja em terra, nas praias ou nos litorais do Brasil.

Que este livro, fruto de sensibilidade e profundo apreço pela história militar, inspire em cada leitor o legítimo orgulho pelos valorosos artilheiros que, sob o brado de *Peça atirou!*, escreveram, com coragem e sacrifício, algumas das mais nobres páginas de nossa trajetória nacional.

*Carlos Chagas Vianna Braga, Almirante de Esquadra (FN)  
Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais*



## APRESENTAÇÃO

O autor do livro *Peça Atirou! Contos de Artilharia*, estimado amigo Israel Blajberg, conhecido no nosso meio militar como Professor Israel, tem nos brindado com obras sobre o Exército brasileiro, principalmente sobre a Artilharia do Exército brasileiro.

Nascido em 1945, cursou o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/RJ), Turma Mar. Rondon, Artilharia 1963-1965 e estagiou no Forte Copacabana e 3º Grupo de Artilharia de Costa (3º GACos), daí sua forte ligação com a nossa Força e com a Artilharia. Trilhou sua vida pelos caminhos da engenharia e do ensino universitário; é integrante da Ordem dos Veteranos Artilheiros (OVART), tendo cursado a Escola Superior de Guerra (ESG) em 2004 – Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE) – e 2007 – Curso de Logística e Mobilização Nacional (CLMN). É sócio titular e emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), Cadeira 79 (Marechal Mascarenhas de Moraes) e presidente da Casa da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Ainda exerce a função de presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB/RIO), de conselheiro da Associação dos Antigos Alunos da Polytechnica (A3P) e de representante do Brasil no Full Board da International Commission of Military History.

Um pequeno recorte do seu currículo, para contextualizar sua ligação com o Exército brasileiro e com a Artilharia, bem como seu elevado conhecimento sobre a história militar brasileira, tanto no contexto nacional como internacional.

Nesta obra intitulada *Peça Atirou!*, tão significativa para nós, artilheiros das mais variadas gerações, o autor traz ao nosso conhecimento seus registros como membro presente e atuante da Ordem dos Veteranos Artilheiros. Como de costume, sempre recebemos após cada evento uma bela apresentação, cheia de detalhes e com profundo sentimento de vibração e entusiasmo, próprio de um veterano de artilharia, de como transcorreu a atividade. Dessa forma, o Professor Israel tem fornecido o registro histórico e afetivo das inúmeras solenidades, formaturas e exercícios da Arma dos Fogos Largos, Pesados e Profundos, no Brasil e no exterior.

*Peça Atirou! Contos de Artilharia* cala fundo na nossa alma, não somente de velhos artilheiros, mas de velhos soldados, pois as lembranças registradas pelo Professor Israel, de eventos, memórias e personalidades, nos faz confirmar com toda nossa força os valores, as tradições e nossas virtudes de soldados de Caxias.

Aos leitores, sintam-se à vontade; a leitura é agradável e repleta de detalhes, que nos transportam no tempo e no espaço, nos emocionam e nos engrandecem, como veteranos e como cidadãos brasileiros. Realmente um trabalho metódico e dedicado!

Parabéns Professor Israel Blajberg pela belíssima obra literária.

“... nasceu com sorte que nasceu Brasileiro,  
mas também nasceu Forte quem nasceu Artilheiro.”

*Luciano Antonio Sibinel – General de Brigada, Veterano.*

## INTRODUÇÃO – RECORDAÇÕES

Nos idos de 1963, aos 18 anos, apresentei-me no CPOR/RJ, então ocupando a antiga caserna de belíssimas linhas neoclássicas construída pelo General Rondon ao lado da Quinta da Boa Vista, na Av. Pedro II, em São Cristóvão. Como voluntário para prestar o Serviço Militar, ao escolher a Arma optei pela Poderosa Artilharia, decisão que até hoje comemoro com justo orgulho. Nos dois anos de curso tomamos contato com a disciplina militar prestante, da qual falava Camões, absorvendo de nossos dedicados instrutores e monitores os segredos, mistérios e tradições da Arma dos Fogos Largos, Poderosos e Profundos.

Após a Declaração de Aspirante R/2 no Estádio de São Januário, fui encaminhado para o Estágio de Instrução no tradicional e histórico 3º GACos e Forte Copacabana, que marcou o encerramento do meu tempo na ativa. Desde então, permaneceria distante da área militar por uns 30 anos, até que, por volta de 1998, descobri a Associação de Antigos Alunos do CPOR/RJ, por intermédio da qual aproximei-me também da Casa da FEB.

Iniciou-se assim um novo período de convivência, reforçado pela minha designação para cursar a ESG, em 2004, iniciativa do saudoso presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Professor Carlos Lessa.

Novos caminhos se apresentaram, como a admissão na AHIMTB e IGHMB, por especial deferência do Coronel Cláudio Moreira Bento e do saudoso Coronel Germano Seidl Vidal, bem como do General de Divisão Médico Aureliano Pinto de Moura, então presidente do IGHMB.

Com o tempo era convidado a participar de formações e solenidades diversas, especialmente as promovidas pela Ordem dos Veteranos Artilheiros, do que resultaram inúmeros artigos publicados em jornais, revistas, redes sociais, e finalmente em livros e até um filme documentário. Essa é, pois, a origem destas despreziosas linhas, uma coletânea que resume as nossas vivências nas reuniões dos bravos integrantes da Arma de Mallet, momentos inesquecíveis que perduram na memória até os dias que correm.

Ao revirar o HD em busca dos presentes textos, confesso que me emocionei ao relê-los, recordando tantos momentos de vibração e patriotismo e antigos camaradas que já não estão mais aqui entre nós.

Se o prezado leitor também experimentar as mesmas sensações, terei alcançado os meus propósitos!

Mallet!!  
Brasil!!

“Peça Atirou!”

“Ma Force d’en Haut”  
(Minha força vem do Alto)  
Brasão d’Armas do Marechal Mallet  
Patrono da Artilharia Brasileira.

## capítulo 1

# O MAIS ALTO VALOR DE UMA NAÇÃO – DIA DA ARTILHARIA

10 de junho de 2024

Neste 10 de junho de 2024, os integrantes da Arma dos Fogos Largos, Poderosos e Profundos recordam o nascimento do futuro Marechal Emilio Luiz Mallet, Barão de Itapevi (1801-1886), que viria a se tornar o Patrono da Artilharia, mercê de destacada presença em nossa memorável história militar, na Campanha da Tríplice Aliança. Brigada de Artilharia presente em Itapiru, Passo da Pátria, Tuiuti, Humaitá, Itororó, Lomas Valentinas e tantas outras batalhas, precursora das glórias da Artilharia Expedicionária de Cordeiro de Farias, em ataques desencadeados sobre o inimigo nazista com o poder do raio e do trovão, nos campos gelados da Itália.

O patrono repousa eternamente ao lado de sua esposa no Mausoléu Marechal Mallet, onde se mantém hasteada a insígnia branca do Marechal e Eterno Comandante, testemunhando os desfiles em cadência lenta da Bateria Histórica a cada Festa Nacional da Artilharia, contando a história da Poderosa, dos primeiros canhões La Hitte aos obuseiros autopropulsados e ao ASTROS.

Em breve, uma nova Artilharia: ATMOS, com enorme poderio e alcance. A tenacidade e o espírito de luta permanecem, perpetuando a mensagem de Mallet na epopeia

de Tuiuti a 24 de maio de 1866, à frente do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, o Boi de Botas, quando deteve a cavalaria paraguaia com o fogo dos seus canhões.

Neste Dia da Artilharia reverenciamos o espírito de luta de nossos irmãos do Sul. As notícias que vêm do Rio Grande trazem esperança renovada. As águas baixaram, permitindo à brava gente da terra do minuano iniciar a árdua tarefa de reconstrução. Ao longo dos dias em que o infortúnio se abateu sobre os pampas, as bocas de fogo se mantiveram silenciosas. Nos quartéis de Artilharia as

flâmulas azuis não tremularam à testa

das baterias. As peças permaneceram nos parques, enquanto os artilheiros do Rio Grande, e todas as viaturas em condições,

se mobilizaram para salvar, apoiar, proteger a população.

Em solidariedade aos atingidos pela inclemência das águas, sob inspiração do patrono e proteção da augusta padroeira

Santa Bárbara, os artilheiros prosseguem na missão.



---

Santa Bárbara, Padroeira da Artilharia.

---

## capítulo 2

# DIA DA ARTILHARIA

10 de junho

*Arma dos Fogos Largos, Poderosos e Profundos*  
*Nascimento do Patrono da Artilharia do Brasil: Marechal*  
*Emílio Luís Mallet, Barão de Itapevi – França, 1801*

Aos 17 anos o jovem Mallet imigrou para o Brasil. Em 1823, matriculou-se na Academia Real Militar, optando pelo curso de Artilharia. Trata-se da tradicional edificação do Largo da Cruz de São Francisco, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, onde, em 1811, ao ver a obra parada de uma catedral, Dom João VI mandou ali instalar a sua Academia Militar.

Em 1855, com a separação do ensino civil e militar, foi criada a Escola Militar da Praia Vermelha, da qual se originou a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende. No prédio do Largo de São Francisco passaram a funcionar sucessivamente a Escola Central, depois Escola Polytechnica, e a Escola Nacional de Engenharia (ENE), onde me formei em 1968. A Nacional mudou-se logo depois para a Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, hoje Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Sou, portanto, colega de faculdade de Mallet – e também de Caxias, Deodoro, Capanema, Paulo de Frontin, Benjamin Constant, Irmãos Rebouças e tantos mais que estudamos no mesmo prédio. Em 1963, ao

prestar o vestibular para a saudosa Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil (ENE-UB), ingressei ao mesmo tempo no CPOR/RJ, onde, como meu ilustre colega, também optei pela Artilharia. Estava afiado em Álgebra e Geometria, ciências fundamentais para o Tiro de Artilharia, que nada mais é que uma aplicação da Geometria Analítica, a Balística. Na época, usávamos Tábuas de Logarítmos, régua de cálculo e Transferidores de Deriva e Alcance (TDA), hoje superados pelos *softwares* e *notebooks*.

Na Guerra da Tríplice Aliança, Mallet comandou o 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, hoje Regimento Mallet de Santa Maria/RS. Em 1866, em Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, a Batalha dos Patronos, importante vitória do Exército Imperial, resistiu a 20 cargas da cavalaria paraguaia: “Eles que venham! Por aqui não passam!”.

Mallet faleceu em 1886 no Rio de Janeiro. Desde 1932 é o excelso Patrono da Artilharia do Brasil, sendo Santa Bárbara nossa padroeira, comemorada em 4 de dezembro em todos os quartéis de Artilharia, que invariavelmente possuem um nicho com a imagem da santa.

“É com fogo que se ganham as batalhas!”: assim falou Frederico, o Grande, que mandou gravar em seus canhões a frase “Ultima Ratio Regis” (“Último Recurso dos Reis”).

## capítulo 3

# ARTILHARIA DOS FUZILEIROS NAVAIS

Na vanguarda que é honra e dever  
Saberemos, no fim da batalha  
Fuzileiros, vencer ou morrer!  
Adsumus!<sup>1</sup>

**E**m 7 de março de 1808, aqui desembarcou a Brigada Real de Marinha, vinda com Dom João VI, de Portugal. Logo, aqueles soldados-marinheiros iriam entrar em combate, na distante Caiena, iniciando uma história de mais de dois séculos, em que os Fuzileiros sempre estiveram na vanguarda, defensores da grande nação. D. João VI teve que se retirar de Portugal; não quis dar ao inimigo napoleônico a oportunidade de poder humilhar a Corte. A vinda para o Brasil em 1808 determinou a Abertura dos Portos às Nações Amigas e um conjunto de fatos históricos de todos conhecidos, que em breve iriam transformar a antiga colônia num grande país.

Assim, no bojo das naus que trouxeram D João VI, a primeira missão da Brigada Real de Marinha foi punir a França por ter invadido Portugal, com a ocupação de Caiena. Nascia assim a mística do Batalhão Naval, que iria acompanhar os soldados-marinheiros até hoje.

---

<sup>1</sup> *Na Vanguarda*, hino dos Fuzileiros Navais

De norte ao sul do Brasil, no Haiti, no Líbano, nas embaixadas, a Falange Aguerriada sob a bandeira da âncora e dos fuzis continua aprestada. Soldados-marinheiros que receberam seu batismo de fogo na tomada de Caiena, cumprindo aquela primeira missão, seguindo-se muitas outras, nas guerras da Independência, do Prata e do Paraguai, até as missões humanitárias e de paz no Haiti.

Os Fuzileiros, sempre prontos, aguardam novos desafios, com suas unidades operacionais, deslocamentos, desembarques na praia, jornadas de instrução, a tropa se desdobrando no terreno para as marchas e exercícios de tiro, já tantas missões desempenhadas: proteção ao papa, Olimpíadas, presença no Continente Antártico.

Hoje, como outrora, sempre a postos, adestrada, equipada, dotada de todo tipo de material, desde o armamento leve às viaturas anfíbias e carros de combate. Já vai longe o tempo em que dispunham quase que apenas dos seus fuzis. Nos dias de hoje, um amplo espectro de materiais e equipamentos permite que os Fuzileiros em ordem de marcha se aprestem como tropa completa e autossuficiente, forças cujos meios vão da Artilharia de Campanha à Antiaérea, da Engenharia às Comunicações, da tradicional Infantaria aos Blindados, enfim, unidades expediçionárias aptas a desencadear operações de desembarque anfíbio a qualquer tempo e em qualquer lugar. Todo tipo de suprimento, possibilitando elevada capacidade de projeção anfíbia, agora com logística, alcance, intensidade e precisão jamais sonhada pelos antigos soldados da Brigada Real de Marinha.

Novos materiais, novas tecnologias, *softwares* e comunicações digitais substituíram tudo que foi utilizado por tantas gerações de combatentes. Mas apenas

o material mudou. O espírito permanece, perpetuando as tradições daqueles pioneiros, “na vanguarda empunhando o fuzil”.

Nas solenidades, o pátio da Fortaleza de São José, na Ilha das Cobras, se engalana, colorido pelos tradicionais uniformes dos soldados de gorro de fita, animado pelos vibrantes acordes das bandas marciais. Manhãs luminosas, plenas de tradições e simbolismo, toques de clarim, apitos, marcha batida, a mística do Batalhão Naval presente a cada instante, em cada movimento, as honras de estilo, a revista da tropa, as salvas. O Pavilhão Nacional flutuando altaneiro no ponto culminante da fortaleza, a cadência perfeita no desfile da tropa de hoje e de ontem.

A falange aguerrida, que combateu em Riachuelo, Humaitá, Paissandu e Tonelero hoje dispõe de uma poderosa artilharia, presente nas manobras e nas solenidades. Em recordadas cerimônias, do outro lado das colinas ao longe, uma Bateria de Artilharia dispara as 13 salvas regulamentares. A fumaça distante paira sobre a ilha, um dos tiros curiosamente gerando um círculo perfeito que sobe e se esfuma.

Embora a tradição da artilharia do Corpo de Fuzileiros Navais tenha suas origens no Batalhão de Artilharia da Marinha, criado por D. Pedro I em 1822, o marco inicial de sua história recente data de 1962, quando foi criado o 1º Grupo de Artilharia, com a missão de apoiar pelo fogo o então Núcleo da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais; a Organização Militar (OM) era sediada nos galpões do antigo Batalhão de Pioneiros, em Duque de Caxias.

Em 1971, acompanhando a reestruturação organizacional do Corpo de Fuzileiros Navais, a unidade passou a se denominar Grupo de Artilharia da Divisão

Anfíbia. Posteriormente, em 1993, o nome foi mudado para Batalhão de Artilharia de Fuzileiros Navais (BTLARTFUZNAV), numa alusão às origens. O Batalhão ocupa atualmente modernas instalações na Ilha do Governador e encontra-se subordinado ao Comando da Divisão Anfíbia.

Manobras são constantemente executadas. O Batalhão de Combate Aéreo, orgânico da Força de Fuzileiros da Esquadra, realiza Escolas de Fogo de Artilharia Antiaérea (EsFog-AAe) no Centro de Avaliações do Exército (CAEx), em Guaratiba, na Restinga da Marambaia, realizando disparos reais da Mtr P12,7 mm HBM2 QCB em alvos aéreos lançados pela Companhia de Aeronaves Remotamente Pilotadas (Cia ARP), com o apoio do Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais, Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais e Unidade Médica Expedicionária da Marinha.

O Pavilhão Nacional flutua majestoso no ponto culminante da fortaleza, a cadência perfeita no desfile da tropa. Admirando a fachada da fortaleza, desfila mentalmente pela memória a perspectiva de mais de dois séculos da chegada ao Brasil da tropa que deu origem aos Fuzileiros.

Terminadas as formaturas, em singela homenagem silenciosa reverenciamos os fuzileiros mortos em combate, de Caiena ao Haiti, diante do monumento em aço que rebrilha ao sol, lembrando aqueles bravos. No Pátio Almirante Maximiano, o Pavilhão Nacional tremula alta-neiro, embalado pelos ventos que sopram da baía.

A D S U M U S !!!

## capítulo 4

# ATMOS: DESPONTA UMA NOVA ARTILHARIA

Sob a sigla ATMOS (Autonomous Truck Mounted Howitzer System), novo conceito se soma à tradicional Artilharia de Campanha. Emile Louis Mallet, patrono da Artilharia brasileira, herói de Paysandu, Estero Bellaco e Tuiuti, se surpreenderia se soubesse o futuro reservado para a Arma dos Fogos Largos, Poderosos e Profundos.

Na Artilharia convencional o deslocamento e a entrada em posição são mais complexos e demorados, seja tração ou sobre lagartas. Já o ATMOS, por ser montado em chassis sobre rodas, dotado de potente motor, é capaz de se reposicionar em alta velocidade, elidindo as contramedidas. Pode ser transportado na aeronave nacional KC-390 Millennium produzida pela Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A. (EMBRAER).

Uma Bia ATMOS 155 mm é capaz de saturar uma área distante muitos quilômetros com dezenas de granadas em tempo incrivelmente curto, partindo ligeiras em espetáculo impressionante de luz e som em meio a enormes nuvens de fumaça, descrevendo uma trajetória como se fosse a cauda de um cometa, desabando sobre os alvos num fogaréu dos infernos. Uma chuva de ferro e fogo, de intensidade e precisão que surpreenderia o Marechal Emilio Luis Mallet.

Em cada quartel de Artilharia pontifica o nicho da santa, que deve ser mantido irrepreensível. Augusta Santa Bárbara, opera milagres, como contava Levy Cardoso. Perdido na neve das escarpas italianas, retornou são e salvo às linhas brasileiras. Um dia se tornaria o último marechal e detentor do Bastão de Comando da FEB. Mas, a uma mínima trinca que seja em seu nicho, mesmo quase imperceptível, ela se manifesta. Determina *negas* (falhas) nos disparos, como um primeiro aviso de que é hora de retocar o oratório, para que a santa siga protegendo os Artilheiros e guiando os disparos.

A Poderosa Artilharia sempre presente, a herança das poderosas bocas de fogo, desde Mallet à Cordeiro de Farias, revivendo na modernidade do ATMOS, executando novas missões de tiro, a serem cumpridas pelos Artilheiros de hoje e de sempre!

## capítulo 5

# ASTROS II – O HOLOCAUSTO ELÍPTICO

A 100 km/h vamos a São José dos Campos. Ao longo da Dutra, contemplamos os efeitos da globalização perversa: fábricas fechadas.

Já na Ayrton Senna, o ônibus sequer balança, deslizando pelo tapete negro de asfalto. Uma placa informa que essa rodovia foi eleita uma das 10 melhores do Brasil. Se houvessem tulipas à beira da estrada, certamente poderíamos nos sentir na Holanda.

Derivamos para uma estradinha secundária. Fazendinhas, vaquinhas, formigueiros. Nada que sugira a proximidade de gigantesco complexo fabril militar privado. Na verdade, trata-se de três instalações separadas e diversas pequenas fábricas nas proximidades da Dutra, região de São José, Lorena. Vem a ordem: deixar no ônibus câmeras, filmadoras e celulares.

Os tempos são de vacas magras. As encomendas militares escasseiam, dando lugar ao trabalho para montadoras de automóveis, tintas especiais, explosivos de uso civil. Nos bons tempos (tempo de guerra), as vendas são de governo a governo, a vida útil do material, décadas. Não se vendem produtos, e sim parcerias, confiança, como se fosse um casamento.

A indústria começou modesta. Já há 40 anos fabricava pequeno avião. Logo ao nascer teve que enfrentar a

primeira crise: renúncia de um presidente... Inúmeras se seguiram. Sobreviveu por saber criar tecnologia e cresceu porque exportou. Muitas outras desapareceram.

Saindo ao pátio, a visão. Somos apresentados ao imponente Artillery Saturation Rocket System, sob a sigla ASTROS, um novo conceito substituiu a tradicional Artilharia de campanha.

Qual moderno Anjo da Morte, consultando tabelas de densidades de saturação nos vídeos a sua frente, com apenas alguns cliques do *mouse*, um operador, confortavelmente instalado em banco acolchoado no ambiente climatizado da Unidade Controladora de Fogo (AV-UCF), é capaz de abrir as portas do inferno, desencadeando sobre uma área elíptica equivalente a dois campos de futebol uma chuva de ferro e fogo de intensidade a escolher, que surpreenderia o velho marechal. Um eclipse de fogo. Holocausto elíptico.

Ao contrário da Artilharia convencional, de difícil e demorado deslocamento, seja tracionada ou sobre lagartas, o ASTROS, por ser montado em chassis sobre rodas dotado de potente motor é capaz de se reposicionar a uma velocidade de até 90 km/h, elidindo as contramedidas.

Uma Bia LMF composta por viaturas AV-LMU e AV-RMD, de lançadores múltiplos e remuniçadoras, é capaz de saturar uma área distante até 70 km com quase duas centenas de foguetes, disparados simultaneamente em tempo incrivelmente curto. Podem ser transportados em C-130 Hércules. Provados em combate no deserto em duas Guerras do Golfo, além da Iraque-Irã, mereceram o elogio do Príncipe Bin Abdul Aziz pelo desempenho no Shat-el-Arab, onde nem as tempestades de areia os detiveram.

As imensas viaturas no pátio da fábrica impressionam pelo tamanho, pneus largos e imensos, portas pesadas, blindagem poderosa. Pensativos, imaginamos como teriam sido os enormes comboios que as levaram para o Porto de São Sebastião na calada da noite, uma fila de vários quilômetros projetando sombras ameaçadoras ao longo da rodovia.

De repente, uma explosão. Quem teoricamente não deveria, leva muita susto com o forte estampido... Nada demais, trata-se de testes de rotina. A fábrica dispõe de campo de provas numa extensão de 1,5 km.

Com a informação de que a mesma tecnologia que revive o Armagedon pode ser dual, transplantada para prosaicos ônibus e veículos florestais, seguimos para o restaurante.

O bravo oficial francês Emile Louis Mallet, herói de Paysandu, Estero Bellaco e Tuiuti jamais imaginaria que um dia ele seria o Patrono da Artilharia Brasileira dotada de tal poderio.

Mesmo a moderna Artilharia de tubo, sucessora da que Mallet comandou no 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, nem de longe se iguala em poder de fogo ao ASTROS. *Ma force d'en haut, pas du Roy.*

Em seguida, nova visita. Uma fábrica menor, mas não menos letal. Tomamos contacto com o “Piranha”, míssil ar-ar, e o míssil anticarro.

A um engenheiro, dá gosto correr os olhos pelos modelos didáticos expostos, exibindo mecânica de precisão, componentes sofisticados. Mesmo o leigo se encanta com tanta tecnologia, superfícies suaves, polimento impecável. O aço inoxidável quase um espelho. Giroscópios, esferas girantes, atrito quase nulo. O *software* quase que

dispensa a ação do homem. Mísseis controlados via joystick e interligados a cabo óptico. Sensores, computadores de bordo, mísseis antirradiação que perseguem radares.

Tudo está muito bem, apenas um detalhe: os foguetes e mísseis que partem ligeiros, num espetáculo impressionante de luz e som em meio a enormes nuvens de fumaça, descrevendo uma trajetória como se fosse a cauda de um cometa, desabam num fogaréu dos infernos sobre... gente... gente como nós ...

Uma vez Caim ousou levantar a mão sobre Abel. D'us Todo Poderoso fez recair o castigo sobre a Humanidade inteira. Até hoje a espécie humana continua pagando, e o Grande Arquiteto do Universo paradoxalmente nos ensinando uma lição dolorosa, pois somente Ele conhece os caminhos... Nem nosso Grande Patriarca Moisés conseguiu saber d'Ele porque seu povo sofria; assim, jamais nós mortais saberemos porque construir ASTROS, Piranhas e tantas oferendas em honra aos Deuses da Guerra vem a ser o preço de gerar emprego, progresso, desenvolvimento...

## capítulo 6

# 65 ANOS DO PRIMEIRO TIRO DA ARTILHARIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL

(1944 – 2009)

**16** de setembro de 1944. Eram exatamente 14h22min quando foi lançado contra o inimigo nazista o primeiro tiro jamais disparado pela Artilharia brasileira fora do continente sul-americano, nos contrafortes dos Apeninos.

No sopé do Monte Bastione, um vento gelado já prenunciava os rigores do inverno que vinha chegando. Era um sábado que traria a vitória para a democracia. Uma pesada barragem de fogo contra as tropas alemãs iniciou a resposta às agressões sofridas pelo Brasil, com a perda de mais de 1.000 vidas nos torpedeamentos.

Decorridos 65 anos, quatro dos 40 oficiais do 2º Grupo de Obuses 105 da FEB ainda estão entre nós. Apenas dois puderam comparecer: o Tenente-Coronel Mario Raphael Vanutelli veio especialmente de Brasília para a comemoração, encontrando um amigo de longa data, o Major Marcos Galper, quase um irmão, após incríveis 80 anos de convivência.

Outros veteranos como o Coronel Salli Szajnferber, que participou da operação que culminou na captura da 148ª Divisão de Infantaria alemã, e da Divisão Bersaglieri Itália, fazendo mais de 20 mil prisioneiros,

inclusive dois generais (Otto Freter Pico e Mario Carloni); Tenente da Marinha Melchisedech Affonso de Carvalho, um jovem marinheiro navegando em comboios, protegendo os navios da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro; Tenente Candinho, do Regimento Sampaio; Major Elza, enfermeira da FEB; Veterano Oscar, e mais alguns poucos.

A reunião aconteceu no Grupo Monte Bastione – 21° Grupo de Artilharia de Campanha –, aquartelado no Forte Barão do Rio Branco, em Jurujuba, Niterói, sucessor do 2° GO 105 FEBiano, por sua vez herdeiro de uma das nossas mais antigas e tradicionais unidades, o Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro, criado por Carta Régia de Dom João V em 1736, para guarnecer as fortalezas que defendiam a Baía da Guanabara.

O ponto alto do evento foi a reconstituição do Primeiro Tiro por uma guarnição usando fardas da época, e que, exatamente às 14h22min, executou o disparo com a mesma peça de 105 mm original, ainda tracionada pela mesma viatura histórica GMC modelo 1942.

Em seguida, a tropa desfilou diante do palanque onde estavam altas autoridades militares. À frente vinha o contingente de Veteranos, todos com mais de 80 anos, comandado pelo Tenente Dalvaro Oliveira, sobrevivente de dois naufrágios com intervalo de seis horas.

Logo em seguida vinham o Major Marcos Galper e a Major Enfermeira Elza Cansação Medeiros, que utilizaram cadeira de rodas.

O Major Galper foi conduzido pelo seu filho Marcio, também ex-aluno do CPOR/RJ, da Turma de 1976 de Artilharia, 35 anos depois que seu pai concluiu o mesmo curso no antigo CPOR de São Cristóvão, em 1942. Marcio

reencontrou no palanque seu antigo comandante na Fortaleza de São João, Coronel Renato Ribeiro da Silva.

Em plena II Guerra Mundial, as elites estudantis de colégios como o Pedro II e de faculdades como a Escola Polytechnica tinham orgulho patriótico em cursar o CPOR. Galper e Vanutelli eram vizinhos nas ruas Paissandu e Ipiranga, cursaram o Pedro II e o CPOR/RJ.

Há 55 anos, o Dr. Akerman (um civil) salvou Vanutelli da febre das trincheiras. Hoje, aos 91 anos, Vanutelli pronunciou com voz firme os mesmos comandos passados via rádio da Central de Tiro para a peça diretriz há 65 anos:

“Bateria, Atenção, Concentração!!!”

“Explosiva Carga 5 Espoleta Instantânea!”

“Centro por um, bateria por meia dúzia!”

“Deriva 2800 elevação 357!”

“Fogo!!!”

Exatos 14h22min. A fumaça branca se dispersa levada pelo vento da baía. A tropa se prepara para o desfile.

Os Velhos Artilheiros pensam nos irmãos de armas não mais aqui presentes, e naqueles que não voltaram. Não existe consolo, mas suas almas se elevaram pela certeza de que um mundo melhor passaria a existir.

A solenidade terminou. Os Veteranos retornam para casa, a esperança de no próximo ano estarem juntos mais uma vez.

## capítulo 7

# PELAS COSTAS DOS MARES PROFUNDOS

**E**m 1810, o Príncipe Regente, D. João VI, criou a Academia Real Militar, que veio suceder e substituir a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, e de onde descende, em linha direta, a famosa Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, posteriormente designada Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil, alterada em seguida para Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e hoje voltando a ser a Escola Politécnica, agora da UFRJ.

A Engenharia brasileira nasceu em berço militar. Foi com o objetivo de construir fortificações que defendessem a Colônia, ainda tão vulnerável a ataques de outros povos e corsários, que a Coroa portuguesa determinou que engenheiros lusitanos passassem a ensinar técnicas de fortificações, matemática, ciências e artilharia a oficiais brasileiros. Da Casa do Trem, situada no sítio hoje ocupado pelo Museu Histórico Nacional, a Academia Real Militar teve sua sede transferida, em 1812, para o Largo de São Francisco de Paula, ocupando o primeiro prédio construído no Brasil para abrigar uma escola superior. A escola situada no Largo da Cruz de São Francisco é considerada o berço da Engenharia brasileira, funcionando ali até 1966.

Daquele belo prédio de linhas neoclássicas que até hoje se ergue no Rio de Janeiro, saíram os engenheiros

militares que através dos séculos construíram as fortalezas, sentinelas avançadas guarnecendo a costa.

Os convidados vão chegando para a cerimônia. Serão privilegiados pelo momento histórico: 90 anos da tradicional escola, que iniciou a trilha da dupla especialização dos Artilheiros. Em 1934, uma missão militar norte-americana ajudou a implantar o Centro de Instrução de Artilharia de Costa (CIAC) no prédio da Fortaleza de São João – que hoje abriga o Comando da Escola Superior de Guerra. Os ventos de guerra não demorariam a varrer a Europa e, lamentavelmente, chegariam ao nosso litoral. Era preciso que o Brasil estivesse pronto. Eram os tempos das Câmaras de Tiro, canhões fixos das fortalezas Can 152.4 Vickers Armstrong, dos Grupos de Artilharia de Costa Motorizada (GACosM), os precursores dos atuais Sistemas de Saturação de Área ASTROS II.

Em 1938, a Krupp (empresa alemã) forneceu os famosos Can AAe 88 para os nascentes RAAAE, e com eles chegaram preditores Wikog, aparelhos de escuta Elascop-Ortogno, projetores Sperry. Em 1947, uma novidade: os Can AAe 40 Bofors. O tempo não para. Na década de 1970, chegou o Drone Northrop e sucederam-se novas armas: Msl Cobra, Msl Roland, Can 35 mm Oerlikon Contraves, Can 40 Filabofors, Msl AAe Bx Altu Ptt IGLA.

Em 2005, os Grupos de Artilharia de Costa foram desativados. Em 2007: Radar Saber M60 Viaturas Blindadas de Combate (VBC), AAe do Sistema Gepard M1 A2.

No século XXI surge uma Nova Artilharia: Artillery Saturation Rocket System (ASTROS), no 6º Grupo de Lançadores Múltiplos de Foguetes (6º GLMF), em Formosa/GO, um novo conceito se soma à tradicional Artilharia de Campanha.

Imensas viaturas impressionam pelo tamanho, pneus largos e enormes, portas pesadas, blindagem poderosa, as guarnições envergando a tradicional boina preta da tropa mecanizada. Foguetes partem ligeiros, num espetáculo impressionante de luz e som em meio a enormes nuvens de fumaça, descrevendo uma trajetória como se fosse a cauda de um cometa, desabariam sobre os alvos num fogaréu dos infernos.

O “berço da Artilharia de Costa e da Defesa Antiaérea” está em festa. Recordamos eternos comandantes: General Antonio Joaquim Soares Moreira, chefe do EME e presidente do Superior Tribunal Militar (STM); Coronel Salomão Naslauski, artilheiro da FEB, comandante de bateria que lançou sobre o inimigo nazista o poder do raio e do trovão.

Acervo Histórico de Artilharia de Costa – Acervo Marechal Portocarrero –, em homenagem ao patrono da Artilharia de Costa. Local destinado aos Artilheiros de Costa de todos os tempos. Desde 1934, a Escola tem sido o berço dos artilheiros de costa e antiaéreos. As muitas páginas de sua história estão presentes na Sala de Acervo General Samuel, recordando o General de Brigada Samuel de Tarso Teixeira Primo, ex-comandante da EsACosAAe 71 74 e 1º comandante da 1ª Brigada de Artilharia Antiaérea.

A EsACosAAe se destaca na vanguarda tecnológica; o trinômio “Ensino, Doutrina e Tecnologia, Pesquisa”, pilares da escola. Atenta às novas ameaças e oportunidades e comprometida com a evolução tecnológica da Artilharia Antiaérea e do Apoio de Fogo na Defesa do Litoral, a EsACosAAe desenvolve nobre missão de especializar militares do Exército brasileiro, da Marinha do Brasil, da

Força Aérea Brasileira e de Nações Amigas, mantendo a doutrina de defesa do extenso litoral brasileiro.

A Poderosa Artilharia está presente. Os tradicionais sítios da Artilharia de Costa, Antiaérea e de Campanha, no dizer da canção, estão aqui virtualmente presentes. A herança dos poderosos canhões é hoje a modernidade do Grupo de Mísseis e Foguetes, se deslocando diante dos visitantes, entrando em posição e executando a missão de tiro. Artilheiros de ontem, hoje e sempre!

Berço da Artilharia de Costa e da Defesa Antiaérea! Aqui se forma o Artilheiro do primeiro minuto! Semper Primus! O Sol é o CZA!

## capítulo 8

# NÁUFRAGOS DO TEMPO

**E**m 1808 aqui chegamos, vindos de Portugal na frota de D. João VI. O príncipe não quis que seu país fosse humilhado, preferindo partir, e nos levou consigo para guarnecer a sua Artilharia.

Anos e anos de convivência nas lides da caserna nos forjaram uma alma espiritual, além da alma de aço que todo canhão possui.

Sim, somos dois antigos canhões. Tracionados por elegantes parelhas de robustos cavalos Percherons, percorremos os campos de batalha na Guerra da Tríplice Aliança. Sob o comando de Mallet, nossos disparos fizeram tremer o inimigo.

O tempo passou. Cansados e gastos, já não podíamos mais lutar. Hoje estamos aqui, as eternas sentinelas do nobre e elegante quartel histórico de São Cristóvão. Diante do Corpo da Guarda somos testemunhas mudas da História, nesta São Cristóvão Imperial que abrigou a monarquia e sediou tantas valorosas unidades militares.

Um dia, ouvimos alarido incomum. A unidade, pronta, se preparava para partir. Consternados, demos adeus aos irmãos de armas que se iam, nos deixando. Ficamos sozinhos com a missão de guardar o aquartelamento, até que nova tropa nele se instalasse.

O 7º Grupo de Artilharia de Dorso deslocava-se com toda a guarnição e material para o Cais do Porto, onde embarcaria para Olinda/PE. Era preciso defender a nossa

costa, para o que não hesitaram um só minuto, navegando pelo mar onde se escondia o submarino nazista traiçoeiro. Não haveriam de alcançar seu destino.

A viagem não teve retorno para 150 dos 243 artilheiros, comandados pelo Major Landerico de Albuquerque Lima.

Corria o mês de agosto de 1942. Navios mercantes que transportavam as tropas, o *Itagiba* e o *Baependy* não poderiam se defender do ataque cruel, ordenado por aquele cujo nome e sua memória sejam para sempre amaldiçoados.

Diante da imensidão da tragédia, o povo foi às ruas a exigir uma resposta à tamanha covardia. Em apenas cinco dias, o U-507 torpedeou seis navios nacionais, com a perda de 600 vidas preciosas de brasileiros. Ao todo, com o afundamento de 35 navios mercantes, o mar foi o túmulo de 1.050 patrícios inocentes.

O Presidente Vargas declarou guerra ao Eixo, e deste mesmo sítio onde hoje nos encontramos posicionados, o aquartelamento do 21º, vimos passar as tropas da FEB percorrendo a linha férrea da Central do Brasil com destino ao mesmo Cais do Porto de onde partiram os heróis do 7º GADo para a viagem que não chegaria ao destino.

Passados dois anos do repulsivo ataque, dessa vez o resultado seria diferente. Os cinco escalões da FEB desembarcaram em segurança no solo europeu, onde haveriam de derrotar os mesmos nazistas que tantas vidas brasileiras haviam ceifado.

Do nosso quartel originou-se a Bateria que disparou o primeiro tiro jamais dado fora do continente americano pela Artilharia do Exército brasileiro. Ao pé do Monte Bastione, que veio depois a dar nome ao grupo,

a Artilharia de Mallet entrou em combate, revivendo na Itália seus dias de glória.

Mas o Brasil é uma terra abençoada, e depois de terminada a II Guerra Mundial, há exatos 60 anos, da nossa posição privilegiada apenas testemunhamos a paz, compondo com a nossa presença significativa a entrada desse histórico aquartelamento.

Hoje é um dia especial. Visitas começam a chegar. Mais uma vez o 21º GAC homenageia os naufragos do 7º GADo. Aos poucos vêm chegando os últimos dos 93 sobreviventes da tragédia.

No Museu do Grupo pode-se ver a foto deles, em pé diante da Prefeitura de Valença, muitos ainda descalços, as fardas desalinhadas pela luta contra o mar revolto, mas, embora o olhar pareça aturdido pela tragédia que acabara de ocorrer, a postura firme e o *dispositivo* que disciplinadamente assumem, apesar de tudo, denotam que aqueles bravos estão de novo prontos para a luta. E quem sabe quantos não terão novamente embarcado com a FEB para cobrar dos nazistas o preço pelo enorme mal que produziram?

O palanque das autoridades já está composto. Apenas três ou quatro sobreviventes puderam comparecer, além de alguns parentes, que sequer têm o consolo de poder visitar um túmulo para prantear seus entes queridos. Apenas poderão contemplar o vasto mar azul que serviu de última morada para bravos soldados, como o Tenente Alípio de Andrada Serpa, após ter cedido seu salva-vidas a um soldado que não sabia nadar.

Os cabalistas (místicos) explicam sobre a confusão que uma alma sofre ao se separar do corpo onde passou seus dias na Terra. Inicialmente, suas almas pairaram

sobre o mar. Depois foram circular sobre seu antigo lugar de residência, antes de partir. Por isso, manda a tradição milenar sentar Shivá – uma semana de luto – no local onde o falecido viveu.

O Pavilhão Nacional é incorporado à tropa formada no mesmo pátio de onde partiram aqueles heróis. Os acordes do Hino Nacional brasileiro rasgam os ares, e uma salva de artilharia ecoa no imenso espaço vazio, amplo vale formado entre a Quinta da Boa Vista e as montanhas do Sumaré ao longe.

Um ou outro passante na avenida fronteira se intrigará ao escutar os ecos da cerimônia. Certamente nenhum saberá do que se trata. Poucos brasileiros que viveram aquele momento ainda estão aqui, e aos novos nem sempre é dada a oportunidade de conhecer a nossa História.

A tropa desfila com garbo altaneiro, os estandartes azuis tremulando ao vento. No palanque, a emoção dos Velhos Artilheiros transparece, o olhar distante, a mente divagando, trazendo de volta gratas recordações de um passado em que eles próprios formavam na tropa que passava diante das autoridades, com a mesma vibração.

Mas a verdade é que os naufragos foram praticamente esquecidos pelo grande público que um dia tomou a Avenida Rio Branco para saudar os pracinhas que voltavam vitoriosos da Itália. Além de terem naufragado no mar oceano, naufragaram também no mar do tempo infinito, recobertos pelo manto do quase esquecimento.

Não muitos, além de nós, os velhos canhões, e aqueles que a cada ano comparecem às diversas cerimônias, ainda recordam o dia em que o Brasil se levantou a uma só voz para defender a liberdade e a democracia.

Diante do singelo Monumento aos Náufragos, que eterniza no mármore a homenagem a sua memória, o comandante do 21º, ex-combatentes, sobreviventes e parentes conduzem uma coroa de flores, apondo-a ao pé das silhuetas esbeltas que simbolizam aqueles dois navios inocentes, vitimados pela Alemanha nazista. Nesses momentos, as almas dos náufragos às vezes retornam. Poucos podem pressenti-las, mas elas passaram por nós e estão aqui novamente.

Os tempos hoje são outros. A imprensa e a opinião pública preocupam-se com assuntos que chegam a ser desanimadores, quando para os Náufragos Esquecidos poucas linhas se escrevem

À sombra das árvores centenárias assistimos à caminhada do tempo. Muda o material, muda a guerra, mudam os homens, muda a política, muda tudo.

Apenas nós não mudamos. Continuamos firmes em posição, recordando a cada ano os Náufragos.

Aqui, jamais serão esquecidos.

## capítulo 9

# 67 ANOS DO ÚLTIMO TIRO DA ARTILHARIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL

(1945-2012)

No quartel de Barueri/SP, diante da tropa formada, muitas estórias são recordadas entre os veteranos no palanque... A marcha batida interrompe as lembranças. O exórdio executado pela banda de música anuncia a chegada do General Catão, antigo comandante do histórico Grupo Bandeirante – III Grupo 105 da FEB, atual 20º G A C Leve – Aeromóvel –, “os que marcham sempre à frente da vanguarda, arrojando-se do céu, fulminantes”, no dizer da canção.

Antigos integrantes da unidade, velhos artilheiros, familiares, ex-combatentes veteranos da FEB com suas boinas e braçadeiras. Apenas uns poucos FEBianos ainda estão aqui entre nós, e orgulhosamente comparecem, todos em torno de 90 anos.

A tropa entoava a canção da Arma no ritmo cadenciado e seguro da Artilharia hipomóvel, desfilando com garbo. Jovens com a fibra do soldado brasileiro que doravante serão para sempre, até o dia em que tiverem que deixar o quartel, do qual jamais se esquecerão.

O desfile é magnífico: os pavilhões nacional e da unidade, os estandartes das baterias tremulando ao vento que sopra na manhã de Barueri, a chuva tendo amainado jus-

tamente ao iniciar-se a cerimônia. Do seu nicho à entrada do quartel, Santa Bárbara protege os Artilheiros e, por seus desígnios, a festa se desenvolverá em tempo seco.

Em 29 de abril de 1945, exatamente à 1h45min, foi lançado contra o inimigo nazista o último tiro disparado pela Artilharia brasileira na Itália. Os comandos chegaram rápidos e concisos, passados via rádio da Central de Tiro para a Peça Diretriz.

A vitória despontava para a democracia. Uma pesada barragem contra as tropas alemãs encerrou assim a resposta às agressões sofridas pelo Brasil, com a perda de mais de 1.000 vidas nos torpedeamentos. Decorridos 67 anos, apenas três dos quase 400 homens do glorioso Grupo Bandeirante da FEB ainda estão entre nós, recordando a operação. Era o 1º/2º Regimento de Obuses 105 Autorrebocado (1º/2º RO 105 Au R - III Grupo da FEB), herdeiro de antigas e tradicionais unidades, Regimento de Artilharia da Bahia, em 1749, e 7º Corpo de Artilharia de Posição, em 1824, hoje aquartelado em Barueri/SP; o 20º G A C Leve – Aeromóvel, tropa de elite integrante da Força de Ação Rápida Estratégica do Exército.

No pátio, apresta-se a 2ª Bateria. O Coronel Amerino Raposo, 90 anos, descendente remoto do bandeirante Raposo Tavares, comandou a Linha de Fogo em 1945, e com emoção transmite vibrante saudação aos jovens formados à sua frente.

Hoje, passados 67 anos, as mesmas peças originais da bateria novamente disparam uma salva sob seu comando, ressoando pelos ares de Barueri para lembrar esse momento de glória das armas nacionais, quando, em apoio ao I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, foi empregada contra a tropa alemã em movimento para

o norte, o que entraria para a História Militar brasileira como a manobra de Collecchio-Fornovo di Taro, que culminou na captura da 148ª Divisão de Infantaria alemã e da Divisão Bersaglieri Itália, fazendo mais de 16 mil prisioneiros, sendo dois generais. (Otto Fretter Pico e Mario Carloni).

Além do Coronel Amerino, apenas mais dois Velhos Artilheiros que viveram aquele momento ainda estão em condições de participar da reconstituição acionando o disparador. Orgulhosamente, os ex-combatentes Kodama e Leal guarnecem duas peças.

Ao final, a guarnição da saudade desfila diante do palanque onde estavam altas autoridades militares, o comandante militar do Sudeste (SE), comandante da 2ª DE, Comandante da 12ª Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel de Caçapava, ChEM do CMSE, comandante do Grupo, prefeito e ilustres personalidades.

Dos simples soldados aos coronéis e generais que comandaram o grupo, e ao general de quatro estrelas, todos se irmanam na cadência do bumbo no pé direito. Não fica bem para um velho soldado chorar, mas percebe-se que muitos estão emocionados e não conseguem conter uma lágrima furtiva... Há 30, 40, 50 anos eles eram um daqueles rapazes que estavam em forma, militares jovens e esbeltos, cabelos pretos aparados, coração cheio de esperança.

A solenidade vai terminando. Os convidados visitam o bem cuidado museu. Junto com outros troféus, uma bandeira com a malfadada suástica. O belíssimo monumento no quartel merece sempre grandes atenções, pela beleza singela e nobre significado, contendo os nomes dos nossos heróis. A seu lado o nicho de Santa Bárbara acolhe os fiéis, artilheiros a quem a santa protege.

Os Veteranos da FEB e da AGRUBAN vão retornar para casa, a esperança de no próximo ano estarem juntos mais uma vez. Despedidas já com saudades, a visita foi curta. Os Veteranos se impressionam com a evolução da mancha urbana, eles que conheceram a região ainda quase virgem. O adensamento populacional estancou diante do quartel, mas é impressionante como aquelas chácaras se transformaram em *alphavilles*, hotéis, prédios imensos, apenas o gigantesco e querido quartel garantindo a preservação das matas, o ar puro em sua imensidão, que traz pássaros esvoaçantes alegrando a formatura com seus piares.

Imersos em pensamentos, retornam ao mundo do dia a dia deixando as recordações do passado... Velhos Artilheiros, cumpriram seu dever, honrando a memória da nossa gente. Simplesmente foram soldados – do Exército de Caxias – da Artilharia de Mallet, a bradar o eterno e sagrado comando que ecoou em Tuiuti, Forno di Taro, e agora em Barueri: “Peça, Fogo!!!”.

## capítulo 10

# OPERAÇÕES DA ARTILHARIA BRASILEIRA NA ITÁLIA

Aqui elencamos um breve resumo das Operações da Artilharia brasileira na Itália. A Artilharia da FEB estava composta por quatro grupos, formando a AD1/DIE:

**1º GO 105:** Grupo Levy Cardoso, oriundo do 1º/1º ROAuR, São Cristóvão. É hoje o Regimento Floriano – 1º GAC SI, Marabá /PA.

**2º GO 105:** Grupo Da Camino. É hoje o 21º GAC, Jurujuba/RJ, Grupo Monte Bastione. Oriundo do 2º/1º ROAuR, Campinho/RJ, por transformação do então 2º GADo que, por sua vez, originou-se no C Art RJ / 1736, sendo a unidade gêmea do Regimento Floriano.

**3º GO 105:** Grupo Souza Carvalho. É hoje o 20º GAC L, Barueri/SP, Grupo Bandeirante. Oriundo do 1º/2º ROAuR, Quitaúna/SP, pela transformação do 6º GADo, cujas origens remontam ao C Art da BA / 1625. Esteve acantonado em Campinho antes de embarcar para a Itália.

**4º GO 155:** Grupo Panasco Alvim, hoje o 11º GAC, Vila Militar/RJ, Grupo Montese.

No Teatro de Operações (TO) italiano operavam 28 Divisões, sendo 20 dos Aliados. Na região dos Apeninos

(Linha Gótica), o inimigo tinha a *vantagem da altura*, com comando de vistas e de fogos sobre os Postos de Comando (PCs) e estradas. Os vales do Serchio, Reno e Pó, situados em região montanhosa, obrigavam a nossa AD ao Tiro Vertical (ângulos > 45°), carga 3, com deslocamento das peças sobre capa de gelo. A primeira nevada ocorreu no Natal de 1944. O material da Art BR era Hipo; subsistiu até os anos 1970.

Na Itália integramos o Quadro de Dotação Americano com recebimento de viaturas e armamento, calibragem de rádios e tiro de regimagem. Houve treinamento na Itália de técnica de tiro, camuflagem, defesa aproximada, direção de tratores, cuidados com a Mun, e a tropa teve quatro dias para ler o manual em inglês. A logística FEB era de grande porte e complexa – 300 a 400 toneladas de suprimento/dia, EUA. Necessitava-se de anticongelantes (viaturas e armamento), e geração de luar artificial (projetores e neblina artificial), geradores de fumaça para cobrir deslocamentos, sobre pontes, sob fogo inimigo oriundo das cotas elevadas.

Podemos definir as Fases da Campanha em quatro:

- 14 de setembro a 6 de novembro de 1944 – Destacamento FEB
- 5 de novembro de 1944 a 18 de fevereiro de 1945 – Vale do Reno
- 19 de fevereiro a 6 de abril de 1945 – Ofensiva IV CEx
- 7 de abril a 2 de maio de 1945 – Ofensiva da Primavera

Durante a campanha, podemos considerar como a “trindade de glórias” da FEB as vitórias de Monte Castello,

Montese e Colechio-Fornovo di Taro. As operações da FEB iniciaram-se em 6 de setembro de 1944, entrada em combate, 1<sup>a</sup>/9<sup>o</sup> BE. Era um outono atípico – chuva.

Aos 16 de setembro de 1944, disparo do primeiro tiro da Art BR no TO italiano – Monte Bastione. Sob a proteção da nossa augusta padroeira, Santa Bárbara, a guerra estava começando. Acabávamos de entrar em ação. No sopé do Monte Bastione, um vento gelado já prenunciava os rigores do inverno que vinha chegando. A Art FEB somente passou a atuar como AD a partir da Fase 2 nas ações do Vale do Reno.

As missões típicas eram: inquietação, contrabateria, reuniões de tropa, HNO, apoio e proteção a GC e patrulhas c/ AO Rec, capturas, golpes de mão, retraimento. Contamos com o apoio norte-americano da Cia. Fumigenos – V Ex EUA, Sv Eng IV C Ex EUA –, filmagem e 500 espoletas VT (Ardenas, dez. 1944) – uma novidade na época; tempo variável. Entre as ações importantes da epopeia da nossa Artilharia Divisionária na Itália tivemos:

i) Monte Castello

- Ação da AD em 21 fev. 1945 – tomada final
- I GO – apoio direto ao I/1<sup>o</sup> RI (Batalhão Uzeda)
- III GO – apoio direto ao III/1<sup>o</sup>. RI (Batalhão Franklin)
- IV GO + II GO (-1 Bia) e Art IV Cex – Ação Conjunta
- 248<sup>o</sup> GO EUA – reforço de fogos

ii) Concentração sobre Monte Castello

- 16 mil tiros (est.) – toda AD
- Apoio da aviação
- 10<sup>a</sup> D Mth EUA
- Bombardeio suprimiu a vegetação

iii) Montese – Montebufone – Montelo 14-18 abril 1944

- h = 900 m
- 21 mil tiros AD
- Art. alemã > restante frente IV Ex EUA – quatro Divisões

Elevadíssima concentração de fogos.

Fogo contínuo por tudo; tubos chegavam a ficar incandescentes.

Incidentes enfrentados pelas guarnições: peças fora do feixe, princípios de incêndio nos saquitéis das cargas de projeção e redes de camuflagem.

Citação de Combate para a AD

21 fev. – Mte Castello

14 abr. – Montese

Nota explicativa:

Sobre o presente capítulo alusivo à Artilharia da FEB, o Sr. Gen. Fabiano, atual Cmt da 1ª. DE e antigo Cmt do 11 GAC, agregou pertinentes observações sobre a relação entre o GEsA e o IV Grupo da FEB, pelas quais o Autor muito agradece, resumindo o papel importante do GEsA na formação de uma nova OM, sem ser, entretanto, herdeiro direto do I/1º RAPC. Com efeito, apenas 4 grupos exibem a “cobra fumando” no distintivo, e Estandartes Históricos ostentando batalhas da FEB, que são os três grupos 105, hoje 1º GAC, 20º GAC e 21º GAC, e o grupo 155, atual 11º GAC. O então Ten-Cel. Panasco Alvim comandava o GEsA e voluntariou-se para integrar a FEB para comandar uma nova Unidade, que foi criada em 1943 para ser o único Grupo 155 do EB, sob a denominação I

Grupo do 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (I/1º RAPC), conforme Decreto-Lei 6.070-A, de 6 de dezembro de 1943. Junto com o então Cel. Panasco Alvim, outros integrantes do Grupo Escola partiram para a Itália, compondo a nova OM. Durante a guerra o GEsA continuou a existir no Rio de Janeiro sob outro comando. Ao regressar vitorioso da Itália, o IV Grupo passou a ter aquartelamento próprio e, após algumas denominações intermediárias, transformou-se no atual 11º GAC. Hoje o Grupo Escola é o 31º GAC (Es) (GESA/1932), integrante do GUEs/9ª Bda Inf Mtz.

Cabe aqui recordar o saudoso Coronel Germano Seidl Vidal, nosso padrinho no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), que legou importantes informações em sua página [www.guerraproscrita.com](http://www.guerraproscrita.com), do então 2º tenente de 15 de maio de 1944, CLF da 2ª BO do 4º Grupo, atual Grupo Montese, função na qual permaneceu durante toda a Campanha da Itália, somente sendo desligado dessa função quando transferido por necessidade do serviço, já no Brasil, em 10 de janeiro de 1946.

## capítulo 11

# RAJADAS DE FOGO

Demonstração de Apoio de Fogo  
do Comando Militar do Leste (CML)  
Tiro do Recruta – Campo de Instrução  
Gericinó (CIG) – 14 de junho de 2024

“Com rajadas de fogo surpreender  
as vanguardas inimigas  
e depois retroceder.”  
*Canção da Artilharia*  
Composição de  
Francisco Jorge Pinheiro.

A manhã era radiante, reencontro com irmãos de armas, companheiros de tantas jornadas. Gericinó, campos impregnados de história, onde um dia as tropas da FEB se adestraram no terreno pouco antes de embarcar rumo ao *teatro de operações* da Itália. Baterias e Linhas de Fogo já incorporando modernos conceitos, novos grupos formados se cobriam de glória integrando a Artilharia Divisionária da FEB nos combates da II Guerra Mundial. Em um grande esforço, unidades hipomóveis converteram-se rapidamente em motorizadas. O Brasil era ainda um país rural, mas seus filhos saberiam atender ao chamado para responder aos ataques traiçoeiros sofridos, defendendo a democracia contra o nazifascismo.

Enquanto a viatura roda, nossos pensamentos evoluem de volta ao tempo em que servimos na Vila Militar,

região plena de monumentos e placas que trazem recordações daquela época distante e gloriosa. A Vila mudou, o legado olímpico trouxe modernidade, novos contornos determinaram mudanças estratégicas na geopolítica do poder nacional. Unidades se deslocaram para novos destinos, o verde-oliva se destaca menos nas calçadas, ônibus e trens. O colorido do verde deu lugar ao camuflado; o bibico, à boina. Professorinhas, namoro, casamentos... Eram os Anos Dourados. Chegamos. O céu azul e o terreno à nossa frente. Espaços amplos, estamos em casa, ares amigos. Desembarcamos, cumprimentos efusivos, companheiros que há muito não víamos, alguns desde que deixamos o serviço ativo. Abraços apertados, admiração. O tempo às vezes cobra um tributo. Cabelos grisalhos, aqui estamos. O Grande Arquiteto do Universo mais uma vez permitiu que compartilhássemos desses momentos.

Gericinó. Anos e anos recebendo efetivos em manobra. A mancha urbana se aproximou perigosamente dos limites de segurança. O silêncio desceu durante algum tempo sobre o campo de instrução, até que um dia novamente veio a ser quebrado pelos disparos da Poderosa Artilharia, a “Ultima Ratio Regis”, estremecendo os ares. Tempos d’antanho, o Regimento inteiro saindo cedinho, longa fila de viaturas tracionando as peças, deslizando pela estrada, ainda escuro, amanhecendo. Marchas, manobras, rápidas entradas em posição, Campanhas de Tiro, Escolas de Fogo. As viaturas carregadas de munição, não faltavam granadas, naqueles tempos em que ainda não se falava em restrições orçamentárias.

Hoje estamos de volta. O Eterno permitiu que tivéssemos mais essa oportunidade, já não mais como protagonistas, mas sim observadores, atentos. Novamente

as bocas de fogo se farão ouvir. Bateria, Atenção, Concentração!!! Explosiva Carga 5 Espoleta Instantânea! Centro por um, bateria por meia dúzia! Deriva 2800 elevação 357! Fogo!!! Peça Atirou!!!

Um dia, também estivemos ali, nas Linhas de Fogo, nas Centrais de Tiro, nos POs. Éramos jovens, sonhadores. A saudade bate, trazendo um nó na garganta... Hoje, Veteranos Artilheiros, a certeza do dever cumprido após anos e anos de luta pelos mesmos ideais.

Chegou o momento tão aguardado. A demonstração vai começar. Presentes os comandantes do Comando Militar do Leste (CML), 1ª DE, AD/1, Oficiais Gerais, Veteranos Artilheiros e jovens alunos do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF). As guarnições dos diversos Grupos do CML e dos Fuzileiros entram em posição, com seus diversos tipos de material: 105, 155, Otto Melara, ASTROS, Morteiros e AAe. O aprestamento da tropa impressiona.

Sob a proteção da augusta padroeira, Santa Bárbara, a demonstração vai terminando. Nuvens de fumaça branca se dispersam tangidas pelo vento que sopra pelo vale ao longo da Serra de Madureira. Logo, os Veteranos Artilheiros se retiram do CIG, com a esperança de, no próximo ano, estarem aqui mais uma vez.

## capítulo 12

# † GENERAL DE DIVISÃO CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA: ARTILHEIRO DA FEB

(21 agosto 1914 – 8 setembro 2007)

No Palácio Duque de Caxias, sede do CML no Rio de Janeiro, a missa de corpo presente foi dedicada ao Velho Soldado, do Exército de Caxias, da Artilharia de Mallet. Envergando o uniforme cinza com as platinas de general de divisão, a expressão do seu rosto era a mesma de como o conhecíamos em vida, parecendo apenas adormecido.

Dois militares cobriram o caixão com a Bandeira Nacional, e um de seus netos colocou sobre ela sua boina azul de veterano da FEB, que sempre envergava nas tradicionais solenidades do Dia da Vitória, Náufragos, Primeiro Tiro e tantas outras às quais fazia questão de comparecer, como dedicado integrante da Direção da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) por décadas a fio.

As inúmeras coroas de flores em volta expressaram o respeito e admiração do Exército brasileiro, em uma última homenagem entre outras do CML, Clube Militar, Forte Copacabana, 21 GAC, AD/1.

O General Montagna, da Turma de 1934 da Escola Militar de Realengo, onde optou pela Arma dos Fogos Largos, Poderosos e Profundos, viveu uma rica carreira militar. Na II Guerra Mundial era capitão adjunto do

Estado-Maior da Artilharia Divisionária da FEB e foi condecorado com a Bronze Star (Estados Unidos) e Cruz do Valor Militar (Itália). Retornando da Itália, foi instrutor da EsAO e cursou a Escola de Artilharia de Campanha do Exército dos Estados Unidos, em Fort Sill, Oklahoma.

Em 1964, era subcomandante da Academia Militar das Agulhas Negras, de onde foi comandar o Grupo Escola de Artilharia. General-de-Brigada em 1967, comandante da Artilharia de Costa da 1ª Região Militar, seguindo-se o posto de adido militar em Washington. Em 1973, foi promovido a general-de-divisão e nomeado comandante da 3ª DE no Rio Grande do Sul, tendo passado para a reserva em 1977. De 1979 a 1982 foi presidente e vice-presidente do Clube Militar. Foi o dedicado incentivador da Ordem dos Velhos Artilheiros (cujo decano era o Marechal Waldemar Levy Cardoso, da Turma de 1921 da EMR e detentor do Bastão de Comando da FEB).

Os almoços realizados no 18º andar da sede central do Clube Militar tinham sempre expressiva presença de artilheiros das diversas turmas, e dos Oficiais R/2, de cuja presença sempre fazia questão.

Envergando o paletó azul, onde se destacava o bordado da Bomba em Chamas, era um verdadeiro ícone da Ordem dos Velhos Artilheiros. Jamais deixava de comparecer a um almoço, quando conduzia os trabalhos com a serenidade e firmeza que lhe eram peculiares. Atento junto à mesa da recepção, cuidava que cada um registrasse o nome no Livro de Presença e a cada dois meses nos lembrava por carta e telefonema da próxima reunião.

Com sua palavra cordial e segura conduzia o tradicional ritual da Ordem, quando fazia a chamada nominal das turmas presentes aos almoços, encerrando a reu-

nião entoando a última estrofe da *Canção da Artilharia*, momento de grande vibração.

No 10 de junho – Dia da Artilharia – desfilava à frente do Grupamento dos Velhos Artilheiros, sempre com o mesmo garbo do antigo cadete de Realengo.

A comemoração do Dia de Santa Bárbara, em 4 de dezembro, no Forte Copacabana, era outro ponto alto da Ordem, quando os Velhos Artilheiros se reuniam em torno do seu decano, Marechal Levy, e do General Montagna.

Nessas ocasiões, um *light gun* posicionado no Campo de Marte, no Forte Copacabana, executava uma salva de artilharia, trazendo a todos as lembranças de tempos saudosos, emocionando os Velhos Artilheiros de Mallet. Peça, FOGO!!! BRASIL!!!, os ares estremecendo, línguas de fogo se projetando do tubo.

Aos 93 anos partiu, adentrando o Portal do Paraíso. Foi uma sentida perda para a família, à qual tão carinhosamente se dedicava, seus inúmeros irmãos de armas, amigos e admiradores, a quem legou o exemplo e inestimável lição de vida.

capítulo 13

† MARECHAL WALDEMAR  
LEVY CARDOSO

(4 dezembro 1900 – 13 maio 2009)

*Detentor do Bastão de Comando da FEB*  
*Decano da Ordem dos Velhos Artilheiros*  
*Sócio Honorário do Instituto de Geografia e História*  
*Militar do Brasil*  
*Patrono de Cadeira da AHIMTB*

Os 108 anos de vida do saudoso Marechal Levy foram marcados pela luta incessante em prol dos ideais libertários e democráticos.

Desde 1921, quando saiu da Escola Militar, passando pelas glórias alcançadas na FEB, até idade avançada manteve elevada vibração, ardor e patriotismo, ele que era o mais antigo veterano da FEB, combatendo na Itália junto com as Nações Aliadas para que a Humanidade pudesse viver em paz.

Marechal Levy participou dos principais movimentos revolucionários nacionais, desde a Revolta de 1924, passando por 1930, a Intentona Comunista de 1935, até 1964.

Na Itália, como tenente-coronel aos 44 anos, comandou o Primeiro Grupo do 1º Regimento de Obuses Autorrebotados da FEB, participando da tomada de Monte Castelo, Montese e Castelnuovo com o apoio de fogos à Infantaria.

Passou para a reserva em 1966, após rica carreira militar, onde exerceu importantes comissões. Foi adido militar na França, presidiu o Conselho Nacional do Petróleo entre 1967 e 1968 e a Petrobras em 1969. Como veterano mais antigo e de maior precedência, era detentor do Bastão de Comando da FEB, e ainda decano da Ordem dos Veteranos Artilheiros, que congrega os integrantes da Arma de Mallet.

Era uma tradição o comparecimento do marechal ao Forte Copacabana no Dia de Santa Bárbara, que coincide com a reunião da Ordem.

Almoço festivo, tantas vezes reuniu Artilheiros da ativa e da reserva em torno do carismático e sereno marechal, que residia nas proximidades, na Rua Toneleros. Sua presença conferia um clima todo especial ao evento.

No Cassino dos Oficiais, o Marechal Levy recebia o Bastão de Comando da FEB, como mais antigo ex-combatente, e da janela comandava uma salva festiva. Pensativo, contemplando os obuseiros em posição, certamente recordava antigas manobras, quando comandava a Ordem de Fogo para as suas baterias.

Depois do “Parabéns”, o marechal apagava as velas e agradecia sempre emocionado, mas com voz clara e forte, encerrando-se a festa com a *Canção da Artilharia*.

Carioca da Rua Evaristo da Veiga, no centro do Rio de Janeiro, seu pai era filho de portugueses e sua mãe a jovem professora Stella Levy. Com Dona Maria da Glória, falecida em 2006, teve três filhos que lhes deram 11 netos e 15 bisnetos: Miriam, casada com o General Antônio Joaquim Soares Moreira, também da Arma de Artilharia (já falecido), Cláudio e Roberto, este também já tendo nos deixado.

O marechal costumava comentar que Santa Bárbara salvara sua vida na guerra. A santa é a padroeira da Artilharia, e seu dia é celebrado em 4 de dezembro, mesmo dia do aniversário do marechal.

A memória da sua rica existência servirá sempre de exemplo e guia para as futuras gerações de Artilheiros. Que a sua boníssima alma se incorpore à corrente da vida eterna.

## capítulo 14

# † GENERAL OCTAVIO AGUIAR DE MEDEIROS

(28 outubro 1922 – 5 setembro 2005)

Os dias de setembro costumam ser frios. E foi numa dessas típicas tardes geladas das Agulhas Negras que comitivas vindas de diversas partes do Brasil se reuniram na AMAN, em 2006, para marcar o primeiro aniversário do passamento do General Medeiros.

Era como se a natureza também quisesse homenagear o general, fazendo com que o dia fosse um dos mais frios do ano, evocando o clima tradicional que caracteriza a cidade e a Academia onde ele chegou em 1959, ainda nas fases iniciais da carreira que, mais à frente, levaria aquele homem simples e decidido a ocupar tantas e tão relevantes funções.

O General Octavio Aguiar de Medeiros nos deixou justamente no primeiro dia do mês de Elul do calendário hebraico.

Elul, último do ano, é o mês de preparação para os grandes Dias Festivos do Ano Novo, quando a Bíblia registra que Moisés recebeu a Torá e, carregando as Tábuas gravadas com os Dez Mandamentos, encontrou o Bezerra de Ouro no acampamento. Quebrou as Tábuas e no dia seguinte subiu novamente ao Monte Sinai para rezar pelo perdão de D'us; 40 dias depois desceu trazendo consigo as segundas Tábuas e a divina mensagem de perdão.

O Grande Arquiteto do Universo, ao permitir que seu filho Octavio partisse em Elul, nos legou uma mensagem em honra à correção e à postura do grande soldado que foi. Pois Elul é o mês da tribo de Gad, cujo pai, o Grande Patriarca Jacob, mandou que organizasse um acampamento e uma legião. Como Gad, o General Medeiros foi um grande líder militar.

Portanto, a alma do General Medeiros, mercê em vida de sua modéstia e resignação diante de toda adversidade, mereceu grande piedade do Criador, incorporando-se à corrente da vida eterna no significativo mês de Elul.

Já trazia do berço uma linhagem de militares, e a Engenharia brasileira possivelmente perdeu um ilustre nome, eis que chegou a se matricular e cursar por algum tempo a tradicional Escola Polytechnica do Largo de São Francisco, até que o resultado do exame médico na Escola Militar de Realengo foi reconsiderado, determinando o seu ingresso na carreira das armas.

O cadete de Realengo iria percorrer toda a hierarquia até o último posto, mas certamente foi na AMAN onde viveu alguns dos seus melhores dias comandando o Curso de Artilharia, tanto é que foi o local escolhido pelos seus antigos cadetes das turmas de 1959 a 1962 para prestar a homenagem na forma de uma placa recordatória, paradigma a novas gerações de artilheiros.

O ônibus vindo do Rio se deteve diante no novo prédio do Comando, onde um busto dourado recorda o Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, idealizador da Academia.

Cumprimentos, reencontro de antigos camaradas, um café quente, e logo nos dirigimos à maquete, onde o General Farias descreveu as mudanças que ocorreram

desde o tempo em que aqueles jovens cadetes do final da década de 1960, hoje generais e coronéis, passaram alguns anos de suas vidas.

Em seguida nos dirigimos ao Curso de Artilharia. Diversos do grupo se quedaram pensativos. Durante o percurso do ônibus, um turbilhão de pensamentos e saudades ao divisar os pátios que se sucediam, os alojamentos, lembranças das formaturas, das manobras, o dia clareando, o frio igual ao do dia de hoje, meses seguidos dedicados à instrução e ao estudo, até o dia tão sonhado quando, numa manhã festiva, cada cadete recebeu da madrinha a tão sonhada espada de Oficial do Exército.

O ônibus se deteve diante do Curso de Artilharia. Os acordes de vibrante dobrado executado pela banda interromperam devaneios dos que sonhavam com aqueles tempos.

Ao longo da alameda as peças tão familiares, desde o obuseiro 105 mm M2A1 até os Krupp e Schneider 75 do tempo da Hipo, familiares para os mais antigos, e mais além os L-118 Light Gun, M 56 Otto Melara, M 108 AP, novas siglas nem todas alcançadas na ativa.

Alguns do grupo já não voltavam há anos, encantando-se em rever aquelas instalações, a galeria dos antigos comandantes, os parques, as salas de instrução. Mas o tempo passou e novas tecnologias foram exibidas aos antigos cadetes. Tudo muda, apenas o espírito dos Velhos Artilheiros permanece, sob a égide de Mallet e de Santa Bárbara, que, entronizada em seu oratório, protege seus devotos.

A solenidade se iniciou, sob o manto de uma emoção palpável. Os oradores se sucederam em vibrantes alocuções, recordando como se fosse hoje o então Major

Medeiros. Era como se ele próprio pudesse ainda estar ali, naquela mesma sala... O friozinho da tarde com o céu nublado parecia tornar as palavras ainda mais carregadas da sua lembrança.

Ao fundo de suaves acordes da *Canção da Artilharia* interpretada pela banda de música, sua rica biografia foi lida para os presentes, enumerando as comissões que exerceu. Sempre destacadas, desde o berço da reserva nos CPOR Curitiba e Belo Horizonte, até a AMAN; de Tel-Aviv, nosso primeiro adido, abrangendo a Guerra do Yom Kippur, até a Amazônia, já general de quatro estrelas; do Gabinete Militar à sensível área das Informações, onde jamais permitiu um único deslize, o mínimo desvio de conduta que fosse.

Da parede, seu filho mais novo descerra o tecido verde-amarelo que sobre a placa pendia, revelando os dizeres ora legados para as futuras gerações de cadetes que por ali passarem, eternizando no bronze toda a memória de uma vida dedicada à Artilharia de Mallet e ao Exército de Caxias, em suma, ao Brasil.

A cerimônia chega ao final, com a última estrofe da *Canção da Artilharia* entoada pelos presentes. As palavras saindo da pequena antessala do curso se espalham pelo gramado em volta; o vento gelado das Agulhas Negras que começa a soprar no finalzinho da tarde as recolhe e carrega para os vales profundos da montanha, tantas vezes percorridos pelo Major Medeiros e seus cadetes em elaboradas manobras, escolas de fogo, exercícios de longa duração, como que a querer procurá-lo. Quem sabe para ali?

Após a confraternização no coquetel, retornamos para casa. A noite foi chegando, escurecendo o interior do

ônibus, estimulando o silêncio e o repouso. Entrecortando os pingos de chuva que batiam nas janelas, do firmamento remoto estendendo-se ao longo da planície e superando colinas suaves, ouviam-se trovoadas distantes, como se fossem salvas de imaginários canhões ao longe.

Recostados na poltrona, a imaginação fazendo com que a alma oscile no éter, nos instantes que medeiam até que o sono chegue, fica a certeza de que alguma força sobrenatural desejou homenagear a memória do general, pelo estrondo poderoso daquela que domina no mar, no ar, na terra...

## capítulo 15

# TENENTE-CORONEL DE ARTILHARIA MARIO RAPHAEL VANUTELLI – 90º ANIVERSÁRIO 1918-2008

Nascido em 27 de julho de 1918, em São Paulo, Estado de São Paulo. Declarado aspirante a oficial R/2 de Artilharia em 1941 pelo CPOR, durante a guerra atuou como oficial de Manutenção da 2ª Bateria de Obuses do II Grupo, Grupo Da Camino. Foi, também, oficial de Munições do Destacamento FEB e Observador Avançado do Grupo junto ao 6º RI.

Fez estágio no 1º Regimento de Artilharia Antiaérea, com sede em Deodoro, durante seis meses, sendo designado para integrar o II Grupo de Obuses, aquartelado em Campinho, classificado como oficial de Manutenção da 2ª Bateria de Obuses, já com material norte-americano (que chegara a tempo para fins de treinamento), jipes, as viaturas 3/4, viaturas comando, caminhões de 2,5 toneladas (GMC) e os obuses 105 mm.

As Unidades de Artilharia – o seu II Grupo, o I Grupo de São Cristóvão, comandado pelo Coronel Levi Cardoso e o III Grupo, do Coronel Souza Carvalho, que veio de São Paulo – faziam manobras na região de Campo Grande e Barra da Tijuca.

O transporte de guerra *General Mann* zarpuu no dia 7 de fevereiro de 1944, pela manhã, passando pelo Pão de

Açúcar, Fortaleza da Laje, e todos no tombadilho, estibordo do navio, apreciando a paisagem e dando adeus ao Rio de Janeiro e ao Cristo Redentor; era um dia, aliás, muito bonito. Esse navio foi escoltado por três contratorpedeiros da nossa Marinha de Guerra, o *Greenhalgh*, o *Marcílio Dias* e o *Mariz e Barros*.

O navio transportava aproximadamente 5.900 homens. Nele viajaram o seu Grupo – o II, o 6º RI e frações do Esquadrão de Reconhecimento, do 9º Batalhão de Engenharia, da Companhia Leve de Manutenção, da Companhia de Intendência, constituindo, então, um destacamento designado, na ocasião, “Combat Team”.

Chegando à Itália, o Grupo se deslocou para a região de Vecchiano, recebendo ordem, assim como o 6º RI, de engajar-se na frente, em área já determinada pelo comandante do IV Corpo. O II Grupo, comandado pelo Coronel Da Camino, ocupou posição vizinha ao Monte Bastione – depois da guerra, essa unidade foi denominada Grupo Monte Bastione. Lá, disparou o primeiro tiro, com a Primeira Bateria do Capitão Mário Lobato Vale. Coube à Primeira Bateria dar o primeiro tiro, no Vale do Sercchio, fato glorioso para a Artilharia brasileira, a fim de apoiar as ações do 6º RI na captura de várias localidades importantes como Barga, Massarosa, Galicano e tantas outras.

No 1º Grupo de Artilharia, comandado pelo Tenente-Coronel Waldemar Levy Cardoso, estava seu irmão, 2º Tenente Antônio Vanutelli. Era subalterno da Bateria Comando do I Grupo, oficial de manutenção da subunidade e recebia muitos elogios nessa função. O comandante da Bateria Comando era o Capitão Oldemar Ferreira Garcia que, mais tarde, chegaria a general. Os dois, únicos

filhos, saíram de casa, no Rio de Janeiro, deixando os pais, e seguiram para a Itália, para a guerra, no 1º e no 2º Escalão. Antonio, o irmão mais novo, é falecido.

Na ofensiva de abril, a unidade prosseguiu rumo ao Vale do Pó, sabendo que vinha do sul a 148ª Divisão do exército alemão, com remanescentes da 90ª Divisão Panzer e da Divisão italiana Monterosa no propósito de atravessar os rios Pó e Panaro e prosseguir para o norte. Houve, no início, uma refrega, porquanto os brasileiros perceberam, através da ação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, que o inimigo pretendia furar o cerco. Houve tiro de Artilharia e ação da Infantaria. Como estavam com muitos feridos, resolveram prosseguir com os entendimentos junto ao Comando da FEB para que se procedesse à rendição.

Vanutelli esteve presente ao evento. Perto de 20 mil homens foram feitos prisioneiros. O comandante dessa divisão alemã era o General Otto Fretter Pico e seu Chefe de Estado-Maior era o Major W. Kuhn, considerado um oficial de elite naquela época.

Coincidentemente, na FEB estava o Coronel Franco Ferreira, um oficial de Estado-Maior, de Cavalaria, que tinha sido adido militar na Alemanha antes da guerra e falava muito bem alemão.

Terminada a guerra, retorno ao Brasil depois de 15 dias de viagem, numa bela manhã, já na costa do Rio de Janeiro. A primeira ilha divisada foi a Rasa. O navio passou por ela e entrou na baía, então escoltado por dezenas de embarcações, apitando, fazendo ruidosa e alegre manifestação pelo regresso do 1º Escalão da FEB. Mais tarde, o navio atracou no cais da Avenida Venezuela, no armazém número 8.

Receberam a visita do Presidente da República, Getúlio Vargas. Foram reunidos todos os oficiais num salão do navio e Getúlio falou algumas palavras, agradecendo o apoio e outras coisas mais, pelo êxito da FEB na Itália e depois se retirou.

Havia comboios esperando no cais e já passava do meio-dia quando entraram nas viaturas designadas para cada unidade. Iniciou-se o deslocamento no meio da multidão reunida ali perto, na Praça Mauá, na Avenida Rio Branco e em toda a cidade. Foi a maior multidão já reunida. A manifestação foi impressionante. Junto com o escalão, veio um pelotão de elite do Exército dos Estados Unidos: eram os Rangers, que também desfilaram.

A surpresa veio depois. Ordens superiores determinavam a desmobilização da FEB. Dias mais tarde já estava extinto o 1º Escalão da FEB. Essa verdadeira debandada trouxe um impacto muito grande, porque muitos já não sabiam nem mais o que fazer. Pensavam que iam receber ordens, orientações, mas não aconteceu isso. Foi uma desmobilização muito rápida. Para os oficiais foram dados dois meses de férias. Para os outros, um prazo para decidir. Quem não estivesse presente ficaria engajado e quem desejasse poderia voltar para casa. Gente de São Paulo, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Paraná, muito ansiosos para regressar a seus lares e rever suas famílias.

Assim foi desmobilizada a FEB. Terminados os dois meses, Vanutelli foi classificado na Fortaleza de Santa Cruz. Justamente no dia em que Getúlio foi deposto, foi se apresentar. Encontrou toda a tropa de prontidão, permanecendo três meses na OM. De lá, foi transferido para o 12º GMAC, em Ibituba, Santa Catarina, onde havia uma

bateria de canhões 152.4 mm para a defesa da costa. O pessoal da FEB fora todo transferido.

A vida continuou, até chegar em 2008, quando o estimado Coronel Vanutelli completou 90 anos, cercado da atenção e dos carinhos da família e de seus muitos amigos no Exército e na Comunidade R/2.

## capítulo 16

# ☆ TENENTE R/2 DE ARTILHARIA MARCOS GALPER – VETERANO DA FEB 10 de março de 2011

Faleceu hoje no Hospital Israelita no Rio de Janeiro o Tenente Galper, onde estava internado desde o dia 4 de março, após uma queda sofrida em sua residência.

Foi aluno do Colégio Pedro II e do CPOR/RJ (da Turma de 1942), com o curso ainda em três anos, do tradicional quartel de Correia Lima, onde hoje se situa o Museu Militar Conde de Linhares, próximo à Quinta da Boa Vista. Era engenheiro civil e professor. Foi o primeiro vice-presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, de cujo Conselho Deliberativo era membro nato.

Uma das peças da Bateria de Obuses 105 mm do CPOR/RJ, onde cursou, leva o nome “Tenente Galper”, em sua homenagem.

Na Itália, integrou o 2º Grupo do 1º Regimento de Artilharia Autorrebecado; depois, o 2º Grupo de Obuses 105 mm, o Grupo Da Camino (sediado em Campinho, RJ), que realizou o 1º Tiro da Artilharia brasileira na II Guerra Mundial, no sopé do Monte Bastione.

Essa unidade é hoje o Grupo Monte Bastione – 21º Grupo de Artilharia de Campanha –, aquartelado no Forte Barão do Rio Branco, em Jurujuba, Niterói, sucessor do 2º

GO 105 FEB, por sua vez herdeiro de uma das nossas mais antigas e tradicionais unidades, o Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro, criado por Carta Régia de Dom João V em 1736, para guarnecer as fortalezas que defendiam a Baía da Guanabara.

Tenente Galper foi oficial de Motores da Bateria de Serviços e também Observador Avançado da Artilharia, em posições arriscadas próximas das linhas alemãs. Retornou da Itália como responsável pela carga do navio que transportou para o Brasil o material de guerra capturado da 148ª Divisão de Infantaria alemã e de outras unidades.

Deixou a esposa, Dona Lili, dois filhos e netos, sendo Márcio, também ex-aluno do CPOR/RJ, da Turma de 1976 de Artilharia, 35 anos depois que seu pai, concluiu o mesmo curso no antigo CPOR de São Cristóvão.

## capítulo 17

# 90 ANOS DO CORONEL AMERINO RAPOSO FILHO – ARTILHEIRO DA FEB ORIUNDO DA EMR

Turma 1943

*S*eu grupo disparou o último tiro da Artilharia brasileira na Itália, em 29 de abril de 1945.

20 de janeiro de 2012 – uma data festiva para os Veteranos da FEB. No Rio de Janeiro o Coronel Amerino comemora seus 90 anos cercado das manifestações de carinho da família e de tantos companheiros, mesmo os distantes reunidos numa corrente invisível para saudá-lo com votos de muita saúde e realizações, ele que continua lutando pela causa FEBiana, como vemos nas fotos recentes na Casa da FEB, onde realizou em dezembro de 2011 magnífica e informativa palestra entretendo os presentes por duas horas, descrevendo suas vivências com riqueza de detalhes, somente possível por quem viveu aquela época, como a recepção aos brasileiros ao longo da entrada de Bombiana, já ao final da guerra, saudados como os *liberatori*.

O então Tenente Amerino foi o comandante da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III GO 105, do Capitão Walmicki Ericksen, que cumpriu a derradeira missão de combate da Artilharia Divisionária da FEB, disparando o último tiro na Itália, em apoio de fogo na região de Collechio/Fornovo ao cerco e rendição da 148ª Divisão de Infantaria

alemã e da Divisão Bersaglieri italiana, evento que até hoje é comemorado no atual quartelamento do Grupo Bandeirante de Barueri/SP a cada 29 de abril.

Atual vice-presidente do CEBRES, o Coronel Amerino, da Turma de 1943 da Escola Militar de Realengo, foi voluntário para a FEB, possuindo 16 condecorações, inclusive a Cruz de Combate, e na FEB tirou o curso de esquiador e alpinista junto a Mountain School – 10<sup>th</sup> Mountain Division/Vth USA Army.

Parabéns, Coronel Amerino, seus companheiros, amigos e admiradores da Casa da FEB saúdam efusivamente o Bravo Artilheiro da FEB que, nos campos da Itália honrou as gloriosas tradições de Caxias e Mallet!!!

capítulo 18

† CORONEL DE ARTILHARIA  
GERMANO SEIDL VIDAL –  
VETERANO DA FEB

19 julho 1922 – 4 outubro 2008

*Sócio efetivo do Instituto de Geografia  
e História Militar do Brasil,  
Cadeira 40 – Major Ladislau dos Santos Titara  
Acadêmico emérito da Academia  
de História Militar Terrestre do Brasil  
Cadeira 19 – Marechal Mascarenhas de Moraes*

**A**os 86 anos, o militar, escritor e historiador Germano Seidl Vidal faleceu no Rio de Janeiro às 14 horas de 4 de outubro de 2008, na Casa de Saúde São José.

Até a internação, uma semana antes, o Velho Artilheiro da FEB prosseguia com entusiasmo o seu trabalho. Há pouco havia trocado correspondência com o comandante da Força, General Enzo, sobre FEB e outros temas históricos.

Em 2006, grande evento no Museu Militar Conde de Linhares marcou os 2 milhões de acessos ao seu site: [www.guerraproscrita.com](http://www.guerraproscrita.com).

Fazia planos para as comemorações dos 3 milhões de acessos, cercado pelo carinho da família e assistido pela esposa dedicada, Dona Eunice, com quem comemorou

em 2006, na Igreja Santa Margarida Maria, as bodas de diamante, 60 anos do casamento celebrado com o jovem tenente recém-chegado do *front* italiano.

Seu último artigo, “Pacifismo ativo: utopia ou realidade?”, foi publicado em *A Defesa Nacional*, de dezembro de 2007.

Germano nasceu na cidade do Rio de Janeiro, filho do Major Brigadeiro Godofredo Vidal e de D. Beatriz Seidl Vidal. Cadete de abril da Turma de 1940 da Escola Militar de Realengo, declarado aspirante na Turma de 1º de março de 1943, cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e, na Escola Superior de Guerra (ESG) os cursos de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas e Superior de Guerra.

Promoções: 2º Tenente, em 25 de setembro de 1943; 1º Tenente, em 25 de setembro de 1944; Capitão, em 25 de março de 1948; Major, em 25 de janeiro de 1953; Tenente-Coronel, em 25 de abril de 1962, e Coronel, em 25 de dezembro de 1966, as três últimas por merecimento. Foi transferido para a reserva, a pedido, em janeiro de 1972.

Foi comandante da Linha de Fogo da 2ª Bateria do Grupo Escola – depois I/1º RAPC (4º Grupo de Artilharia, na FEB) –, comandante da 2ª Bateria do 8º GMAC (Rio/RJ), comandante da 8ª Bateria do 2º RO-105 (Itu/SP), instrutor da EAC (Rio/ RJ), chefe da 3ª Seção / EM da 6ª Região Militar (Salvador/BA), comandante da 1ª/4º GACos M (unidade isolada, em Salvador/BA), adjunto da 5ª Seção / EME (Rio/RJ), comandante do CPOR de Salvador/BA e membro do Corpo Permanente da ESG (Rio/RJ).

Representou o Exército na Comissão de Planejamento Nacional (COPLAN) e na Junta Executiva Central do Conselho Nacional de Estatística. Como integrante da

FEB, embarcou no 2º Escalão e participou de todas as operações do 4º Grupo de Artilharia, comandando a Linha de Fogo da 2ª Bateria de Obuses de 155 mm (material modelo 1943, somente conhecido já na Itália durante os preparativos para o deslocamento ao *front*), tendo permanecido como tropa de ocupação no norte da Itália até a reunião da 1ª DIE, concentrada em Francolise, próximo à Nápoles, aguardando o regresso no 2º Escalão.

Por duas ocasiões exerceu também a função de observador avançado de Artilharia, em sistema de rodízio: a primeira, em Torre di Nerone (durante o inverno) e a segunda, no quarto e bem sucedido ataque ao Monte Castelo. Foi agraciado com a Medalha Militar de Ouro, Medalha de Guerra, Medalha de Campanha da Itália, Cruz de Combate de 2ª Classe, Mérito Militar – no grau de cavaleiro, Mérito Militar – no grau de Oficial e Mérito Santos Dumont.

Na vida civil foi secretário-geral do Conselho Nacional de Estatística (1964), editor técnico do Projeto “Matriz Energética Brasileira” (MME, IPEA e as seis maiores empresas de consultoria brasileira no setor) pela Montor S.A. Projetos e Sistemas (1972-1974) e chefe do Departamento de Planejamento de Suprimentos da Itaipu Binacional (1974-1989).

Publicou, entre outros, os livros *Linha de pensamento militar* (SENAI/BA, 1967, 155 p.) e *A guerra proscrita* (Razão Cultural Editora, 1999, 411 p.) além de artigos publicados nas revistas *Mensário de Cultura Militar*, *A Defesa Nacional*, *Clube Militar*, *Militar Brasileira*, *Marítima Brasileira*, *Segurança e Desenvolvimento* e *Exército Brasileiro*.

Tem verbetes assinados na *Enciclopédia Barsa* (14 volumes, 1ª ed. em 1964, da Encyclopaedia Britannica Editores Ltda.). Colaborou na elaboração da *História Oral*

do Exército, como entrevistado em 9 de janeiro de 2001. Produziu os videodocumentários *Participação do Brasil na II Guerra Mundial* (esforço histórico para fins didáticos), *A maior aventura da aviação militar brasileira* (o raid do avião Duque de Caxias em 1931) e *Eu vi nascer a obra do século* (a saga de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu).

Recentemente prestou depoimento ao programa *No Compasso do IME*, pela UTV Canal 16, NET Rio. Um dos programas abordou o tenente comandante da Linha de Fogo da 2ª Bia do 4º GO 155, a mais poderosa unidade da AD/1ª DIE, sua experiência e como se tornou o pacifista ativo, poeta, pintor, historiador e editor na Internet. Outro programa enfocou o Major Brigadeiro do Ar Godofredo Vidal, pai do Coronel Germano, que pilotou o avião Duque de Caxias no voo de circun-navegação das Américas do Sul e Central em 1931, o primeiro *raid* da aviação militar brasileira.

Na data de seu passamento, o contador do site do Coronel Germano registrava 2.928.740 acessos. Sua alma, elevando-se aos Jardins do Éden, breve assistirá um *click* do *mouse* que registrará os tão sonhados 3 milhões, possivelmente de um dos muitos jovens estudantes que buscam o site, já que tem sido de consulta constante de acadêmicos de escolas civis e militares. Será um momento paradigmático, mostrando que realmente valeu a pena!

Para nós que ficamos, sua família que tanto o amava, seus muitos admiradores e amigos, o exemplo que transmitiu ficará eternizado na memória dos que o conheciam e admiravam. Na realidade virtual da Internet a sua obra certamente será perenizada, amenizando um pouco a sensível perda, para o Exército e para o Brasil.

A cerimônia de sepultamento realizou-se domingo, 5 de outubro de 2008, às 14 horas, no jazigo da família

no Cemitério São Francisco Xavier, no Caju, precedido de Salmos de Meditação e da Oração de São Francisco.

Em sintonia com o legado do Coronel Germano, nada mais justo que as honras fúnebres fossem prestadas por uma unidade de escol da Arma de Artilharia (o 11º GAC – Grupo Montese), unidade sucessora do Grupo Escola I/1º RAPC (4º Grupo de Artilharia 155 da FEB) onde o então Tenente Germano comandou a Linha de Fogo da 2ª Bateria.

Ao iniciar-se o deslocamento do cortejo, uma tropa de 42 homens formada na alameda central, pouco depois do portão, executou a salva regulamentar em meio à grande emoção, pelas vozes de comando seguidas do forte ruído dos disparos e das cápsulas caindo ao solo. Enquanto o vento frio da tarde chuvosa espalhava a fumaça pelas aleias, a tropa apresentou armas na última continência prestada ao ilustre FEBiano.

A Bandeira Nacional, cuja honra defendera com galhardia na Itália, e que envolvia o caixão, foi removida e passada às mãos do filho Germano Vidal pelo Sub-Comandante do Grupo, Major Cruz. Em seguida, o militar mais antigo presente, General Geraldo Luiz Nery da Silva, convidou os irmãos de Arma presentes a entoar a última estrofe da *Canção da Artilharia*.

O *toque de silêncio* cortando os amplos espaços da derradeira morada simbolizou a partida de um grande soldado, mas o exemplo frutificará, do trabalho ingente, dedicação aos ideais, preservação e divulgação da memória da FEB.

A melhor homenagem que lhe poderemos prestar será manter desfraldada a bandeira à qual dedicou toda a sua rica existência. Que a sua alma faça parte da corrente da vida eterna.

## capítulo 19

# ✧ CORONEL SALLI SZAJNFERBER – ARTILHEIRO DA FEB

4 de outubro de 1923 – 8 de março de 2010

No Cemitério Comunal Israelita do Caju, a família, amigos e irmãos de armas vieram dar o último adeus. Antigos camaradas da FEB e da Ordem dos Velhos Artilheiros. Alguns foram amigos de infância, outros jovens tenentes que, nos idos de 1944, na Itália, defenderam a democracia. Todos expressando um sentimento único. Foi uma grande perda, não só para o Exército, mas para o Brasil. Ao longo de seus quase 87 anos, a trajetória do Cadete de Realengo, nascido no Rio de Janeiro, foi extensa e relevante, destacando-se a sua contribuição ao Exército e ao Serviço Público Federal como economista, coroando uma carreira profícua.

Diante do seu esquife, envolto na Bandeira Nacional e guarnecido por quatro soldados envergando o uniforme histórico da FEB com o distintivo do V Exército Americano, o General Geraldo Luis Nery da Silva destacou os laços de amizade que o uniram com os demais ex-combatentes presentes, e como a presença do querido Coronel Salli animava as reuniões da Ordem dos Velhos Artilheiros.

A biografia é lida, recordando o menino que estudou no Instituto La-Fayette, na Rua Haddock Lobo, RJ, em seguida no Colégio Militar, após o que prestou concurso para a Escola Militar de Realengo classificando-se em terceiro lugar e aos 8 de janeiro de 1944, para orgu-

lho dos pais, como segundo aluno da turma, declarado aspirante a oficial do Exército de Caxias, da Artilharia de Mallet, a cujas tradições iria honrar ao longo de uma carreira exemplar.

Os presentes se emocionaram ao recordar nas palavras do orador aqueles dias remotos quando Salli combateu em dois grandes momentos da FEB: a tomada de Monte Castelo e Montese, como comandante de Linha de Fogo (CLF) e *observador avançado* da Artilharia, ocupando posições de altíssimo risco junto à Infantaria que avançava para tomar o território ocupado pelo inimigo nazista, quando foi levemente ferido.

Sua bateria participou da operação na qual os generais Otto Fretter Pico e Mario Carloni se renderam com a 148ª Divisão alemã, e a Bersaglieri italiana. Pela sua bravura em ação na tomada de Montese, foi agraciado pelo presidente da República com a Cruz de Combate de 1ª Classe. O diploma assinado pelo Ministro da Guerra, General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, destaca sua grande coragem, sangue frio e capacidade de ação durante os encarniçados combates de 14 e 15 de abril de 1945. Progredindo em terreno minado severamente batido por fogo de artilharia, morteiro e armas automáticas, o Tenente Salli cumpriu galhardamente a sua missão de *observador avançado*, ajustando com precisão os tiros da nossa Artilharia.

O condutor do serviço religioso, Sr. Marco Salem, entoou a milenar oração dos mortos, suplicando ao Eterno que a alma do irmão Salli se eleve aos Jardins do Éden, onde repousam os Justos. Logo o cortejo se deslocou ao longo das aleias do Comunal, acompanhado pelos velhos soldados, ex-combatentes dos campos da Itália. Ali também repou-

sam para sempre os queridos mãe e pai do falecido, ele também tendo sido um soldado na I Guerra Mundial.

Como ficaram alegres com o retorno do filho, e do seu vizinho da Rua Pontes Correa, no Andaraí, o Coronel Siqueira, aqui presente, e que com ele adentrou os portões do Colégio Militar e de Realengo, partindo juntos para a Itália; uma amizade incrível de mais de 80 anos. Ambos foram agraciados com a Cruz de Combate, distinção à qual poucos fizeram jus.

Um Destacamento do 11º Grupo de Artilharia de Campanha da Vila Militar, o mesmo que conquistou Montese, desincumbiu-se das honras fúnebres ao longo do trajeto. As vozes de comando entrecortadas pelas salvas de fuzil quebraram o silêncio do campo santo, ecoando na distância, seguindo-se o tilintar dos cartuchos arremessados ao chão frio de cimento, trazendo um pouco para perto dos presentes os sons da guerra ao percorrerem a alameda ao longo da fileira de soldados, ao som da *Marcha Fúnebre*.

Nesses breves momentos, aos veteranos veio a lembrança daquele dia cinzento em Monte Castelo, quando, superando forças mais experientes entrincheiradas nas alturas e arrostando o frio inclemente e chuvas torrenciais que impediam o avanço mecanizado e o apoio aéreo, nossos bravos pracinhas colheram brilhantes vitórias na dureza daqueles combates.

Se hoje temos a democracia sob este sol tropical, certamente o devemos também àqueles valentes soldados, dos quais derradeiros remanescentes agora levam para a última morada um de seus grandes expoentes.

Os amigos de longa data recordaram o falecido, destacando o patriotismo lúcido e o carinho do companheiro que partiu. Em palavras candentes e emotivas, reafirmaram o exemplo do coronel, carreira digna de servir como paradigma às futuras gerações.

Dois soldados descobrem a Bandeira Nacional do caixão, dobram-na e entregam-na aos parentes. O corneteiro executa o *toque de silêncio*. É um toque pungente que envolve a todos, especialmente familiares, cujas lágrimas refletem a dor daquele momento.

A banda do Batalhão de Guardas executa a *Canção da Artilharia*, e os soldados entoam a última estrofe: “O mais alto valor de uma nação... vibra na alma do soldado, ruge na alma do canhão...”. A cada pá de terra arremessada, o cantor litúrgico repete a oração. D’us disse a Adão: “Retornarás ao solo, pois é do solo que foste feito” (Bereshit – Gênesis, 3:19). Dizem nossos sábios que a alma é eterna, apenas migra para outra dimensão, e assim eleva-se aos Jardins do Éden, atravessando o Portal do Paraíso. Os presentes vão se dispersando, até que mais ninguém está por ali.

Apenas restou a sepultura, recoberta pela terra. Mas para sempre perdurarão as boas e valiosas lições que o irmão Salli nos ensinou, antes de passar agora para o Olam haEmet (Mundo da Verdade).

Salli Szajnferber, bravo soldado brasileiro de fé judaica, herói de Montese, nos combates na Itália honrou a memória de Mallet, patrono da Arma de Artilharia.

## capítulo 20

# O TENENTE BRASILEIRO JUDEU QUE CAPTUROU NAZISTAS NA II GUERRA MUNDIAL

*Cerimônia no Quartel de Barueri/SP*  
20º Grupo de Artilharia de Campanha Leve –  
Grupo Bandeirante

○ saudoso Coronel Salli Szajnferber já não está mais perfilado no palanque diante da tropa formada na manhã ensolarada, ostentando ao peito a Cruz de Combate de 1ª Classe, concedida pelo Presidente da República por bravura em ação na tomada de Montese.

A cada 29 de abril, Salli vinha especialmente do Rio com seu camarada ex-combatente, Coronel Amerino Raposo, e o General Geraldo Nery, antigo comandante do Grupo, comemorar a última missão de tiro da Artilharia brasileira na Itália, realizada à 01h45min daquela madrugada de 1945.

Há dois anos devolveu sua alma ao Criador, e um destacamento do 11º Grupo de Artilharia de Campanha da Vila Militar, o mesmo que conquistou Montese, prestou as honras fúnebres no Cemitério Comunal Israelita do Caju, com a banda de música executando a *Canção da Artilharia*, acompanhada pelos seus irmãos de armas presentes.

Salli combateu em dois grandes momentos da FEB: as tomadas de Monte Castelo, sendo Comandante de Linha

de Fogo (CLF), e de Montese, onde foi ferido, na arriscada posição de *observador avançado*.

Em 28 de abril de 1945, a bateria de Salli participou do cerco ao inimigo na Ofensiva da Primavera. Era a 148ª Divisão alemã, com todo seu material, canhões, tropa a cavalo e remanescentes da divisão Panzer Grenadier e Bersaglieri Italia. Os generais Otto Fretter Pico (nazista) e Mario Carloni (fascista) se renderam aos brasileiros com 892 oficiais, 19.689 soldados, 80 canhões, 5.000 viaturas e 4.000 cavalos.

Na noite de 29 de abril, a bateria de Salli capturou 900 prisioneiros, da pretensa raça superior ariana, devidamente guardados pela nossa tropa brasileira, que contava com negros, índios, nordestinos, mestiços, todos componentes do fantástico mosaico da sociedade igualitária brasileira, mas que os nazistas fanáticos classificariam como *Untermenschn* (sub-humanos); uma enorme bandeira nazista foi trazida como troféu, estando hoje exposta no museu do Grupo Bandeirante.

Recordando aquela epopeia: a relevante contribuição brasileira ao esforço de guerra para derrotar o nazismo, enviando à Itália 25 mil soldados – tarefa ainda hoje das mais difíceis e complexas –, bem como as bases mantidas no Nordeste, especialmente Natal – Parnamirim Field – o Trampolim da Vitória.

Salli partiu, mas sua memória permanece viva entre nós, como bravo soldado do Exército de Caxias, da Artilharia de Mallet, cujas tradições tanto honrou ao longo de uma carreira exemplar.

capítulo 21

† CORONEL JOAQUIM VICTORINO  
PORTELLA FERREIRA ALVES –  
ARTILHEIRO DA FEB

(1916 – 20 de março de 2010)

*Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)*  
*Sócio emérito do Instituto de Geografia*  
*e História Militar do Brasil (IGHMB) – Cadeira 3 – José Maria*  
*da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco*  
*Acadêmico emérito da Academia de História Militar*  
*Terrestre do Brasil (AHIMTB) – Cadeira 6 – Barão do Rio Branco*

**D**eixou-nos o ilustre Artilheiro. Carioca da Avenida Rio Branco, foi declarado aspirante na turma de 4 de janeiro de 1936 da Escola Militar de Realengo.

Como grande patriota que sempre foi, desejoso de voluntariar-se para a FEB, conseguiu a transferência da Artilharia de Costa para a Artilharia de Campanha, graças à boa vontade do General Oswaldo Cordeiro de Faria e a intervenção do seu prezado amigo, então Capitão Edmundo da Costa Neves, ajudante-de-ordem.

Assim, oriundo da Artilharia de Costa, seguiu para uma unidade que entraria na guerra – II/1° ROAuR, II Grupo de Obuses 105 da FEB, embarcando para a Itália no primeiro escalão, em 2 de julho de 1944, retornando em 22 de agosto de 1945.

No posto de capitão, foi oficial de ligação da Artilharia junto a Regimentos e Batalhões de Infantaria e, como oficial de ligação do General Cordeiro de Faria, comandante da Artilharia Divisionária, junto às artilharias de grandes unidades norte-americanas e inglesas que, durante a campanha, operaram na frente italiana, integrantes do IV Corpo/V Exército EUA.

Tendo servido nos Batalhões Franklin e Uzeda como *oficial de ligação e observação aérea*, ajustou os tiros da Artilharia sobre alvos inimigos, além de verificar a posição da tropa inimiga em face de nossa tropa. Cumpriu cerca de seis missões, quase 11 horas de observação aérea, com aeronave cedida pela 1ª ELO. Seu irmão, o 2º Tenente Ionio Portela Ferreira Alves, cumpriu 67 missões de observação, segundo colocado da esquadrilha.

Iniciando-se na Artilharia de Costa, sua carreira foi rica em importantes comissões, como oficial de ligação do EME com adidos militares, assessor do presidente da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, comandante do CPOR do Recife, membro do Corpo Permanente da ESG e chefe do EM da Artilharia de Costa da 1ª RM.

Estagiou na Escola de Artilharia de Costa em Fort Monroe, Virgínia/EUA. Cursou ECEME e Escola Superior de Guerra (CEMCFA 1959). Passou para a reserva em 1970.

Foi agraciado com a Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Cruz de Aviação Fita A (FAB); Medalha de Campanha da Itália (FAB); Estrela de Bronze (EUA) e Cruz ao Valor Militar (Itália).

Muito se dedicou à causa dos Veteranos, tendo sido presidente da Associação dos Ex-Combatentes, Seção da Guanabara; vice-presidente do Conselho Nacional e dele-

gado brasileiro junto à Fédération Mondiale des Anciens Combattants (FMAC) em Paris.

Editou o jornal *Letras em Marcha* e seus livros se tornaram referência: *Mallet – O patrono da Artilharia, Seis séculos de Artilharia* e *Os Blindados através dos séculos*. Era membro da Seção Brasileira do Comité International de Histoire de la Seconde Guerre Mondiale e foi o segundo vice-presidente do IGHMB.

Recordava sempre a emoção de ter ouvido o primeiro tiro da Artilharia brasileira disparado fora do continente sul-americano; indescritível, uma vibração total de todos os artilheiros, particularmente da bateria que executou o tiro, o terreno italiano tornando-se assim o ponto mais distante batido pela Artilharia brasileira, tomando o lugar do Paraguai, no Rio da Prata, ainda sob o comando do Patrono Mallet.

Sob a proteção da padroeira Santa Bárbara, a guerra estava começando. A FEB entrava em ação. No sopé do Monte Bastione, um vento gelado já prenunciava os rigores do inverno que vinha chegando. Exatamente às 14h22min a fumaça branca se dispersava levada pelo vento das montanhas italianas.

Até hoje, desde a chegada da FEB, o primeiro tiro é comemorado no dia 16 de setembro, já agora no 21º GAC, Grupo Monte Bastione. Comemoração dirigida nos primórdios pelo próprio General Cordeiro de Faria, substituído depois pelo General Ramiro Gorreta Junior, General Geraldo Da Camino, comandante da unidade que deu o primeiro tiro na Itália, sempre com a peça sendo acionada pelo saudoso Cabo Adão.

Durante anos e anos o Coronel Portella compareceu religiosamente à cerimônia, até que motivos de saúde passaram a impedi-lo de estar presente. Mais recentemente, Tenente Coronel Vanutelli, Major Galper e Tenente Dálvaro compareceram representando seus irmãos de armas daqueles tempos heroicos: o primeiro, aos 91 anos, vindo especialmente de Brasília para a tradicional caserna do 21 em São Cristóvão, e já então no Forte do Imbuhy em Niterói.

Para os que ficam, para a família, seus admiradores e amigos, o exemplo que personificou ficará eternizado na memória dos que o conheciam e admiravam.

A melhor homenagem que lhe poderemos prestar será manter desfraldada a bandeira à qual dedicou toda a sua rica existência, recordando perenemente o desencadeamento sobre o inimigo nazista do poder do raio e do trovão, como os comandados de Mallet o fizeram na Campanha do Paraguai. Que a sua alma faça parte da corrente da vida eterna.

O Velho Artilheiro nos deixou, mas lá em cima, em algum canto dos Jardim do Éden, certamente estarão ecoando a cada 16 de setembro, aos exatos 14h43min, os imortais comandos enviados via rádio naquele longínquo dia do inverno italiano de 1944, quando chegaram pelo rádio da Bateria os comandos para disparar o primeiro tiro da Artilharia brasileira na Itália:

“Bateria, atenção, concentração!!!”  
“Explosiva Carga 5 Espoleta Instantânea!”  
“Centro por um, bateria por meia dúzia!”  
“Deriva 2800, elevação 357!”  
“Fogo!!!”  
“Peça Atirou!!!”  
Mallet!  
BRASIL!  
“Ma Force d’en Haut”  
Minha força vem do Alto

Do Brasão d’Armas do  
Marechal Mallet  
Patrono da Artilharia Brasileira

† GENERAL DE DIVISÃO HERALDO  
DE FARIAS PORTOCARRERO –  
ARTILHEIRO DA FEB – GRUPO  
DA CAMINO, HOJE 21º GAC

(seu grupo disparou o primeiro tiro da  
Artilharia brasileira na Itália, no Monte  
Bastione)

Faleceu no Rio de Janeiro o Velho Artilheiro da FEB,  
em 11 de maio de 2012, com a Missa de Sétimo  
Dia em 18 de maio, às 19 horas na Paróquia Nossa  
Senhora de Copacabana, da Rua Hilário de Gouvêa.

De tradicional família de militares, seu pai foi professor da AMAN; outros familiares cursaram a então Escola Técnica do Exército, sendo que mais dois membros da família integraram a FEB: Capitão Hélio Portocarrero de Castro (QG/1ª DIE) e Aspirante a Oficial Mauricio Carlos Tito Portocarrero (DP/FEB). Ele mesmo se dedicou ao ensino, mantendo conceituada instituição de ensino na Lagoa, no Rio de Janeiro. Era irmão da atriz Tônia Carrero.

Durante a guerra atuou como *observador avançado* no II Grupo, Grupo Da Camino.

Designado em 1944 para integrar o II Grupo de Obuses da FEB (II/1º ROAuR), aquartelado em Campinho, já com material norte-americano que chegara a tempo para fins

de treinamento: jipes, as viaturas 3/4, viaturas comando, caminhões de 2,5 toneladas (GMC) e os obuses 105 mm.

O enorme transporte de guerra zarpou no dia 7 de fevereiro de 1944, pela manhã, sendo escoltado por três contratorpedeiros da nossa Marinha de Guerra, levando a bordo quase 5.000 homens, entre eles o jovem 1º Tenente Heraldo C. L. de Farias Portocarrero.

Perto de 16 mil soldados alemães foram feitos prisioneiros.

Este é um breve relato de mais um herói que partiu, com base nas recordações do seu último companheiro conhecido que aqui ainda permanece, o último dos tenentes e oficiais daquela época, Tenente-Coronel Mario Raphael Vanutelli, que reside em Brasília, perto de completar 94 anos. Possivelmente ainda temos entre nós remanescentes dos soldados e sargentos da FEB, entretanto não temos seus nomes. O General Portocarrero foi reformado em 26 de setembro de 1973.

A melhor homenagem que podemos prestar aos bravos da FEB que se vão será manter desfraldada a sua bandeira, recordando sempre a memória gloriosa das Forças Brasileiras de Terra, Mar e Ar na II Guerra Mundial.

Que a alma do estimado companheiro, veterano General Portocarrero, se incorpore à corrente da Vida Eterna.

Peça Atirou!

Mallet!

Brasil!

## CAPITÃO DE ARTILHARIA CORREIA LIMA – FUNDADOR E PRIMEIRO COMANDANTE DO CPOR/RJ

**M**ais uma vez comemoramos o Dia do Oficial R/2, instituído em 2006 pelo Comandante do Exército General Francisco Roberto de Albuquerque, marcando aquele dia já distante de 1891, quando nasceu em Porto Alegre o menino que viria a se tornar o Tenente-Coronel Luiz de Araújo Correia Lima, idealizador do CPOR. Visionário, sonhou em reunir estudantes das faculdades para constituir uma reserva de alto nível para o Exército. Seus esforços frutificaram e, aos 22 de abril de 1927, viu triunfar seu ideal quando o ministro da Guerra criou o CPOR/RJ, do qual foi o primeiro comandante.

Entretanto, o destino não quis que Correia Lima vivesse o bastante para aferir a dimensão completa da sua obra. Era major, servia em Curitiba, comandando o 1º Grupo do 9º Regimento de Artilharia Montada, quando irrompeu a Revolução de 1930. Os sublevados pretendiam que a unidade aderisse ao movimento, arrastando junto a Guarnição de Curitiba. Era o dia 5 de setembro de 1930, o bravo Correia Lima tinha apenas 39 anos. Estava no Corpo da Guarda, defendendo o quartel atacado de surpresa. Aconteceu uma confusão, ouviu-se um estrondo e ele tombou ferido de morte. Fazia apenas três anos que fundara o CPOR. Assim como nosso Grande Patriarca Moisés, Correia Lima também não teve a honra e a glória

de entrar na Terra Prometida. Ambos apenas puderam vislumbrá-la ao longe, mas partiram deste mundo com a certeza do dever cumprido para com a sua gente.

Promovido *post-mortem* ao posto de tenente-coronel por ato de bravura, Correia Lima tornou-se o patrono por tradição da Reserva Atenta e Forte, por ter sido o idealizador e primeiro comandante em 1927, como capitão de Artilharia de um Centro de Preparação de Oficiais da Reserva no Brasil, com a sede inicial localizada em São Cristóvão, Rio de Janeiro, no quartel do então 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (1º RAPC), não muito distante do Quartel-General no Campo da Aclamação.

Sua percepção foi incrível para a época. Lutou e finalmente conseguiu do ministro da Guerra a criação de uma escola militar que recebesse estudantes das faculdades e os formasse como oficiais da reserva. A ideia era genial, tão bons resultados obtendo na II Guerra Mundial, quando metade dos tenentes da FEB era do CPOR.

O bravo Tenente Coronel de Artilharia Luiz de Araujo Correia Lima legou ao nosso Centro seu nome honrado como denominação histórica. O antigo, tradicional e glorioso Quartel da Artilharia de São Cristóvão, onde o CPOR iniciou sua trajetória, já não existe mais. De lá, foi relocado para o atual Museu Militar Conde de Linhares, belíssimo prédio de linhas neoclássicas construído pelo então General Rondon. Mais tarde, deslocou-se para o antigo 1º RCG, Dragões da Independência, hoje sediando o 1º BG, Batalhão do Imperador, seguindo-se a ida para a Av. Brasil, antigo 1º RCC (o quartel dos Sherman); finalmente, instalado hoje na Vila Militar, onde, sob a inspiração do bravo Coronel Correia Lima, como reza a nossa canção, prossegue na sagrada e eterna missão de formar a Reserva Atenta e Forte.

## capítulo 24

# † GENERAL DE EXÉRCITO GLEUBER VIEIRA (1933-2025)

Aos 19 de janeiro de 2025, aos 91 anos, devolveu a alma ao Criador esse grande soldado e chefe militar do nosso tempo. Exerceu importantes comissões, culminando no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso (1999-2002), quando foi nomeado ministro do Exército, cargo que seria o último a exercer. Com a criação do Ministério da Defesa, em 1999, tornou-se o primeiro Comandante do Exército.

Teve um papel fundamental na criação do CNOR - Conselho Nacional de Oficiais da Reserva (CNOR), quando chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP). Declarado aspirante a oficial de Artilharia em 1954, foi antigo instrutor do Curso de Artilharia do CPOR/RJ nos idos de 1963-1965. Foi ainda ilustre confrade da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB/RIO).

Em 2006, o General Gleuber participou de sessão daquela Academia, retornando ao mesmo antigo quartel, templo de história, hoje Museu Militar Conde de Linhares, berço de tantas organizações que fazem parte da história do Exército brasileiro, entre elas o CPOR/RJ. Nessa Sessão Solene em homenagem aos Oficiais R/2, a Mesa Diretora foi composta pelo General Gleuber Vieira, Coronel Claudio Moreira Bento (presidente da AHIMTB),

General Geraldo Nery, (coordenador do Programa de História Oral do Exército), Coronel de Infantaria Sérgio Gomes Pereira (presidente do Conselho Deliberativo da ANVFEB), Veterano Alain Mirabet Vialon (presidente da Association Française des Anciens Combatants) e 2º Tenente R/2 Artilharia Israel Blajberg.

Quando cursei o CPOR/RJ, era nosso instrutor o então Capitão Gleuber. Em Gericinó, durante um treinamento de lançamento de granadas, um aluno deixou o artefato cair em meio ao grupo, ao que imediatamente o nosso Capitão Gleuber bradou “ABRIGAR”. Seguiu-se a explosão e felizmente não havendo a lamentar nenhuma baixa, graças a sua voz de comando e presença de espírito, que já denotavam o grande chefe militar que viria a se tornar.

O sepultamento ocorreu em 20 de janeiro de 2025, no Cemitério Memorial do Carmo, no Caju, RJ. A cerimônia foi muito concorrida, contando com a presença do comandante do Exército, membros do Alto Comando, familiares, amigos, antigos subordinados e autoridades civis e militares.

Inúmeras coroas de flores expressaram as últimas homenagens ao finado, entre as quais as do CNOR e AORE-RJ, sendo as honras fúnebres prestadas pelo Regimento Sampaio ao Grande Soldado e Chefe Militar.

O saudoso General Gleuber será sempre lembrado pelas suas administrações no DEP, EME e Comando do Exército, quando muito apoiou a História Militar. Que a sua alma se incorpore à Corrente da Vida Eterna.

## capítulo 25

# O VELHO ARTILHEIRO

“Old soldiers never die...”

Cabo Atirador Adão Pereira da Rosa,  
85 anos, morador em Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Em 19 de setembro de 1944 às 14h22min,  
acionou a peça que disparou o 1º Tiro da FEB na Itália.

**“Bateria, Atenção, Concentração!!!”**

▮embro como se fosse hoje. Era um jovem de 22 anos quando o Brasil entrou na guerra. O peso dos anos já não me permite sair sozinho, mas como Velho Artilheiro que sou, a cada 16 de setembro faço questão de voltar ao histórico quartel de São Cristóvão, levado pela mão da minha filha.

Já não converso tanto como outrora, fico sentado à sombra do palanque, pensativo. Da minha posição privilegiada contemplo a tropa pronta, e diante dela no pátio, a minha peça, que guarnei em terras distantes e geladas.

O mesmo obuseiro M1A2 105 mm daquele longínquo 19 de setembro de 1944, quando recebemos pelo rádio da bateria o comando para disparar o primeiro tiro da Artilharia brasileira na Itália.

Tudo começou faz muitos anos. Eu estava ali, naquele mesmo pátio, a manhãzinha ainda escura, o grupo pronto para iniciar o deslocamento por via férrea para o Cais do Porto.

## “Explosiva Carga 5 Espoleta Instantânea!”

Vejo a minha volta antigos irmãos de armas. Já não são tantos como em outras épocas, mas aqui estão.

Falta pouco para as 14h22min, quando a nossa Linha de Fogo cumpriu a ordem de tiro. O Sargento Lima, chefe de peça, preparou-se para integrar comigo o dispositivo que iria reproduzir aquele momento histórico, 61 anos depois.

Chegou a minha vez de atravessar o pátio em direção à peça, sob o peso dos anos que passaram. O sol está forte, bem diferente daquela tarde na Itália. A legenda Monte Bastione, o mesmo nome do grupo, está inscrita no anteparo da peça, a relembrar o sítio onde pela primeira vez entramos em posição.

O tempo não conseguiu apagar as recordações, e nos meus passos lentos apoiado em um jovem soldado relembro a viagem de navio, onde nós, homens livres, navegamos para terras distantes, para defender a democracia, a igualdade entre as nações.

O caminho inverso daquele feito pelos meus antepassados.

O homem branco mau os arrancou da aldeia perdida no Continente Negro distante, na extensa planície onde os piratas chegavam com as piores intenções.

Para cá vieram, no dizer do poeta, sob “um pavilhão, que impudente na gávea tripudia”. Desta vez outros piratas nos ameaçavam, com os mesmos desígnios vis. Mas nos encontrariam pela frente, sob a bandeira de um povo livre.

**“Centro por um, bateria por meia dúzia!”**

A voz do locutor entrecorta meus pensamentos. Aproxima-se o instante em que vou acionar o disparador. Já não fico mais em pé ao lado da culatra. O tempo inexorável cobrou o seu tributo, exigindo que eu me sente em uma cadeira, mas faço questão de acionar o cordão de detonação da peça, auxiliado pelo jovem soldado, recordando como desencadeamos sobre o inimigo nazista o poder do raio e do trovão, como os comandados de Mallet o fizeram na Campanha do Paraguai.

**“Deriva 2800 elevação 357!”**

Sob a proteção da nossa augusta padroeira, Santa Bárbara, a guerra estava começando. Entramos em ação. No sopé do Monte Bastione um vento gelado já prenunciava os rigores do inverno que vinha chegando.

**“Fogo!!!”**

Exatamente 14h22min. A fumaça branca se dispersa levada pelo vento de São Cristóvão. Retorno para o meu lugar, enquanto a tropa se prepara para o desfile.

Sensibilizado pelo meu esforço, o próprio general comandante da Artilharia Divisionária (AD) desce do palanque, apoiando-me pelo braço. Sentado novamente à sombra, assisto as autoridades homenageando nosso chefe, o Marechal Mascarenhas de Moraes, apondo flores junto ao seu busto.

Penso nos irmãos de armas que não voltaram. Não existe consolo, mas suas almas se elevaram pela cer-

teza de que um mundo melhor passaria a existir. Trago comigo as histórias dos meus bisavós, há mais de dois séculos, lançados numa viagem incrível para o desconhecido, onde, com o suor do próprio rosto ajudaram, sem reconhecimento, a construir uma grande nação, até que a Princesa Isabel extinguiu a mácula que empanava nossa cidadania.

A solenidade terminou. Nós, veteranos, retornamos para casa com a esperança de no próximo ano aqui estarmos mais uma vez,

Eu, o Velho Artilheiro, cumpri o meu dever, honrando a memória da nossa gente. Simplesmente fui um soldado – do Exército de Caxias – da Artilharia de Mallet.

“Peça Atirou!!!”

## UM OLHAR CARIOCA SOBRE MARABÁ

○ convite do tradicional e histórico Regimento Floriano – 1º Grupo de Artilharia de Campanha de Selva – para a formatura do Dia da Vitória, me levou à progressista Marabá, sudeste do Pará em maio de 2022. A globalização transformou pitorescas e tranquilas cidades interioranas em minimetrópoles, não faltando o trânsito (por vezes intenso) e os *shopping centers* que nada ficam a dever aos do assim chamado “Sul Maravilha”, exibindo marcas famosas de *fast-food* e franquias diversas, aqui associadas às frutas da terra, como o açai.

Outrora praticamente inacessível por terra, Marabá hoje é um importante entroncamento rodoferroviário por onde cruzam a Trans Amazônica e os comboios de trens da Vale que levam o minério para São Luiz/MA. Sedia ainda a poderosa 23ª Brigada de Infantaria de Selva, a maior e mais completa da Amazônia, dispendo de Infantaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações e Logística, Hospital, enfim, tudo que é necessário para proteger e defender a nossa Amazônia.

Banhada pelo Itacaiúnas e o Tocantins, a cidade é um polo regional de grandes usinas e empreendimentos minerais e do agro. Tucuruí está próxima, projeto que significou a redenção de imensa região que dependia do querosene e do óleo diesel para iluminação e geração elé-

trica. Carajás, descoberta acidentalmente na década de 1960, é o símbolo máximo da riqueza da província mineral paraense, onde abundam metais ferrosos e ouro.

Para chegar a essa terra abençoada foram quatro horas de voo com escala em Brasília – tempo equivalente a atravessar a Europa, de Lisboa a Moscou – dando a dimensão do nosso Brasil Grande, trazendo à mente as palavras de Stefan Zweig, em *Brasil, país do futuro*: “... causou uma das mais fortes impressões da minha vida... viajei 12, 14 horas de trem... um continente – espaço para quatrocentos, quinhentos milhões de habitantes, riqueza imensa sob este solo opulento e intacto... apenas a milésima parte foi aproveitada ... Percebi que havia lançado um olhar sobre o futuro do mundo... aqui repousa uma das melhores esperanças de uma futura civilização e pacificação do mundo devastado pelo ódio e pela loucura...”.

Já de madrugada, a primeira impressão ao chegar foi magnífica, ao desembarcar no moderno e bem cuidado aeroporto, que soube tratar-se do melhor em sua categoria, conforme classificação nacional da INFRAERO. Há tempos não pisava no concreto de uma pista de aeroporto, sentindo de perto o cheiro do óleo e o vento das turbinas, já que hoje os *fingers* permitem o acesso direto das aeronaves ao terminal. Caminhando ao longo das três aeronaves estacionadas na pista feericamente iluminada, recordei-me de tempos passados em que os aeroportos eram pequenos e, ao embarcar, podíamos antes de adentrar a aeronave, dar adeus aos que vinham se despedir, acompanhando o embarque das varandas do aeroporto...

Foram dois dias assaz densos e enriquecedores convivendo com militares da 23ª Brigada, permitindo perceber um pouco dos seus anseios e das dificuldades inerentes

às missões na Amazônia, testemunhando a vibração e disciplina com que se desempenham em suas atividades. Os quartéis e vilas militares se apresentam singelos e impecáveis, muito bem cuidados, dando a impressão de que foram construídos há pouco, embora diversos já datem de várias décadas. A mocidade que presta o Serviço Militar, seja nos NPORs seja na tropa, demonstra elevado preparo, que pudemos constatar nas formaturas e breves reuniões nos aquartelamentos, confirmando o papel unificador do Exército, que transforma o jovem em soldado e cidadão.

Estando na Amazônia, não poderia faltar uma breve incursão em lancha rápida pelos rios que banham a cidade, o Itacaiúnas e o Tocantins, a partir da Seção Fluvial do 1º GAC de Selva, encerrando com chave de ouro nossa breve permanência em Marabá. O rio, muito largo e de grande vazão, impressiona e passa uma mensagem positiva, reafirmando a grandeza do Brasil e a esperança no futuro diante das crises mundiais de energia e clima que ameaçam os horizontes da Humanidade. No “encontro das águas”, onde o Itacaiúnas deságua no imenso Tocantins, que segue para acionar as turbinas de Tucuruí, mentalizamos em pensamento que a Amazônia seja sempre brasileira.

Ao deixar Marabá, ainda no escurinho da madrugada, vislumbramos à beira da pista o Pavilhão Nacional tremulando no mastro, embalado pela brisa mansa que vinha da floresta distante, simbolizando tudo de bom que nos foi dado conhecer nessa breve visita. Que seja apenas a primeira de uma série a essa região tão rica e acolhedora, onde reside a esperança no futuro do Brasil.

## **Agradecimentos**

Ao ilustre General de Brigada Eduardo da Veiga Cabral, comandante da 23ª Bda Inf Sl, pelo gentil acolhimento e completa explanação didática sobre a missão da brigada.

Ao Tenente-Coronel de Artilharia Edson dos Santos Pastoriza, comandante do 1º GAC de Selva – Regimento Floriano –, pelo convite para essa significativa visita a Marabá, e acompanhamento ao longo de todas as atividades programadas.

capítulo 27

## BATERIA DA SAUDADE DEFILA NOS 104 ANOS DO FORTE COPACABANA

28 setembro 2018

*“... E na costa a lutar os primeiros  
Somos nós, somos seus artilheiros...!”*

**N**a manhã luminosa os Velhos Artilheiros adentram novamente o Portão das Armas. Foram jovens soldados, sargentos, tenentes. Por aquela alameda à beira-mar desfilavam os estandartes azuis tremulando ao vento de Copacabana. Hoje, muitos anos depois, eles retornam. O tempo passou, o aguerrido 3º GACos permanece na lembrança, como os demais fortes e fortalezas que guarneciam a entrada da barra.

Tempos gloriosos da ACos/1, com seus dois grupos: GW, de oeste, sediado na Fortaleza de São João, e GL, de leste, no Forte do Gragoatá. Em suas tradicionais e históricas instalações se aquartelaram novas brigadas e outras importantes unidades, não só operacionais, mas também de estudos e pesquisas.

Hoje as missões são outras, mas o entusiasmo é o mesmo daqueles tempos. Ao bumbo no pé direito, os veteranos abrem o desfile, seguindo-se a tropa de hoje em uniforme histórico. Tudo mudou, as pessoas, o farda-

mento, o material, mas algo permaneceu: a mesma vibração, de 30, 40, 50 anos passados.

A Poderosa Artilharia já não mais estremece os ares de Copacabana com seus fogos sibilantes capazes de destruir um alvo naval a 12 milhas. Não mais o PO no alto do morro, a referência do mastro do posto de gasolina onde hoje se ergue um espigão, o clarão dos projetores, as lunetas, os telêmetros. Tudo ficou como memória solene da Artilharia brasileira. Os canhões agora atiram cultura, o Forte Copacabana é a sala de visitas do Exército, contando a história militar, que se confunde com a própria história do Brasil.

Através dos séculos constituíram-se em sentinelas avançadas guarnecendo a costa. As naus que ousaram desafiar o seu poderio, expondo-se imprudentes em mar aberto diante das suas bocas de fogo, pagaram o preço de afrontar as muralhas das suas praças fortes.

Em 1955, a tragédia quase aconteceu, mas, na última hora, quando a regulagem do tiro já determinaria na próxima rajada o impacto no alvo naval, veio a ordem de suspender o fogo, evitando que fosse derramado o sangue entre irmãos.

Os Velhos Artilheiros retornam para casa, levando a saudade e as agradáveis lembranças dos tempos em que serviram “... *pela costa dos mares profundos...*”.

## CINCO SÉCULOS DE ARTILHARIA DE COSTA: INÍCIO DE UMA NOVA ERA

2005

**E**m tantas vitórias, engajaram ao largo franceses, holandeses, piratas, afinal repelindo os que tentaram saqueá-las.

Soldados, muralhas e canhões. 500 anos defendendo o Brasil. Mas o futuro chegou. As fortificações que pontilham o nosso litoral são testemunhas mudas do fim da guerra de posição. Mal imaginavam aqueles antigos engenheiros europeus... o labor de ajustar pedra sobre pedra, dando forma às filigranas arquitetônicas das torretas e seteiras que eles tão diligentemente projetaram, dos quais o maior expoente foi D'Alpoim, nosso primeiro engenheiro militar.

A epopeia de erguer esses verdadeiros monumentos não foi em vão. Hoje são valioso Patrimônio Histórico, a lembrança de um passado no qual a nação lutou e se afirmou, o embasamento do Brasil independente de hoje.

Os convidados vão chegando para a cerimônia de desativação da Artilharia de Costa, em 2005, na Fortaleza de Santa Cruz da Barra. Serão privilegiados pelo momento histórico a ser presenciado dentro de poucos minutos.

Mais que o final de uma época, simboliza o início de uma nova era que vai começando. A última unidade de

Artilharia de Costa do Exército brasileiro será oficialmente extinta, cumprindo formal e solenemente a determinação do comandante da Força, no âmbito de um extenso Programa de Modernização da Artilharia Brasileira.

A noite do verão de janeiro foi refrescada pela chuva; o clima parecia mais londrino que niteroiense. A antiga capital do Estado do Rio já perdeu muito dos ares bucólicos de um passado nem tão remoto. A fortaleza, outrora distante, agora está cercada pela mancha urbana que avançou o quanto pôde, felizmente detendo-se ainda longe, assim poupando os sítios históricos, como soe acontecer em volta de guarnições militares, preservando o patrimônio natural da especulação imobiliária que desfigura antigas lembranças.

Quando não havia a Ponte Rio-Niterói, era uma viagem demorada, e agora se resume a rápido passeio. Melhor ainda quando se vai de catamarã, desembarcando em Charitas, bem próximo à Santa Cruz, navegando pelas mesmas águas que esquadras invasoras atreveram-se a adentrar, para sempre serem expulsas.

A cerimônia se inicia com o canto do Hino Nacional brasileiro. Seguem-se as palavras emocionadas do Tenente Coronel Costa e Silva, comandante do 8º G A Cos M – uma despedida que não será uma passagem de comando.

Tradicional unidade de escol – outrora sediada no Leblon onde, depois, se instalou quartel da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) – dotada no começo de canhões Vickers Armstrong 152.4, tracionados por possantes tratores, seus fogos poderosos abalavam os ares, disparando granadas sibilantes capazes de destruir um alvo naval a 12 milhas. Nas pacatas praias de

Itaipu, Camboinhas, Piratininga e Itaipuaçu, em priscas áreas desertas onde as baterias entravam em posição para saudosas Escolas de Fogo adestrando novos artilheiros.

Unidade que integraria a primeira linha de defesa no caso de uma invasão alemã. Perigo real que felizmente não se concretizou. As derrotas do Afrika Korps nas areias do deserto, e da Wehrmacht nas estepes russas, determinaram a impossibilidade de os nazistas chegarem até nossas costas, o que hoje parece ficção, mas, na época em que o Brasil declarou guerra à Alemanha, era uma hipótese plausível.

Observando a Galeria dos Comandantes<sup>2</sup>, um nome se destaca: Coronel Ernesto Geisel, que comandou o Oitavo de 27 de abril de 1954 a 7 de fevereiro de 1955. Seu nome foi dado ao grupo (agora extinto) cujo acervo passou para o 6º Grupo de Lançadores Múltiplos e Foguetes (GLMF) e CI Formosa/GO, incluindo sua espada dourada de oficial general. Ali passou a se concentrar o maior poder de fogo da Artilharia brasileira, o Sistema ASTROS.

Os fortes Barão do Rio Branco e Imbuhy são guarnecidos pelo 21 GAC, unidade FEBiana vinda do histórico quartelamento de São Cristóvão.

Com a chuva, a formatura da tropa não pôde ocorrer no pátio. O gabinete do comandante tornou-se pequeno para tantos convidados. Esposas, jovens e crianças deram um toque familiar. O General Mayer, comandante da AD/1 pronunciou rico relato histórico da evolução da Arma, enquanto a banda executava os acordes suaves da *Canção*

---

<sup>2</sup> Na Galeria dos Comandantes vimos retratados dois de nossos saudosos instrutores do C Art. do CPOR/RJ:

Coronel de Artilharia Rubens Vaz da Cunha (5 fev. 1982 a 7 fev. 1984) e Coronel de Artilharia José Luiz de Araújo Soares (7 fev. 1984 a 14 fev. 1986)

da Artilharia de Costa. Ao fundo, uma senhora cantarolava baixinho; emocionada recordava com nostalgia a canção com que tantas vezes fora embalada na infância.

A cerimônia prosseguiu com a passagem de Estandartes Históricos, da Espada do Presidente Geisel e da chave do Forte, o sítio da última fortificação artilhada brasileira ainda operacional (que se converteu no Quartel General da AD/1).

Não mais o clarão dos holofotes, as lunetas, os telêmetros. O Oitavo acabava de ingressar solenemente na memória da Artilharia brasileira,

As esposas dos comandantes trocaram presentes, os convidados se dirigiram ao Salão de Pedra para a recepção.

Retornamos para casa levando a saudade e as agradáveis lembranças dos tempos em que servimos “... pela costa dos mares profundos...”.

Do alto do Pátio do Farol, na extremidade da Santa Cruz da Barra, contemplamos o alvorecer de uma nova era, em que os GLMF assumirão a vanguarda, reafirmando o poderio da Arma dos Fogos Largos, Poderosos e Profundos, agora com alcance, intensidade e precisão jamais sonhados pelos Velhos Artilheiros de Mallet. Mas ainda que o material mude, a tenacidade e o espírito de luta permanecem, perpetuando a mensagem do patrono: “... por aqui não passam!”<sup>3</sup>.

No pátio, ao girar do facho vermelho do farol, soldados de serviço cumprem o seu turno. Especialmente em uma noite chuvosa como essa, de nuvens baixas e neblinas esvoaçantes, preferem ficar pela amurada do que transi-

---

<sup>3</sup> Batalha de Tuiuti: 24 de maio de 1866, à frente do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, hoje Regimento Mallet.

tar pelos escuros desvãos das extensas galerias de pedra, onde antigos canhões, ainda como d'antanho, permanecem em posição contra o inimigo. É voz corrente entre os praças que almas dos prisioneiros enforcados baixam por ali em noites assim...

Retornando pensativos pela estrada estreita, contemplamos as praias com seus colares de pérolas luminosas pontilhando a vastidão do *mare nostrum*. O vento tange o nevoeiro, construindo formas etéreas flutuantes em meio à escuridão do oceano; o tempo trouxe de volta sinal de bom augúrio na noite da passagem... résteas de luar difuso decifram antigas naus de contornos arredondados oscilando ao longe no mar revolto, velas da Cruz de Malta insufladas pela brisa que sopra da entrada da barra...

## RITO DE PASSAGEM NA SANTA CRUZ DA BARRA

Era uma manhã luminosa no outono carioca ainda com cara de verão. Um movimento inusitado acontecia nos acessos à Fortaleza de Santa Cruz da Barra: soldados em uniformes históricos, pessoal da Polícia do Exército (PE) orientando o trânsito, os convidados afluindo pela estrada estreita que se desenrola ao lado da pedra margeando o mar, viaturas militares e tropas se deslocando desde o começo do dia.

Tudo contribuía para favorecer o ritual que iria acontecer, seja o clima, seja a apresentação do aquartelamento, com a fortaleza secular esplendorosa após a completa restauração pela qual passou em 2004, as peças pintadas e em posição, a Capela de Santa Bárbara, um brinco, paredes alvas de brancas, jardins muito bem cuidados, tudo limpíssimo e pronto para servir de palco a um dos mais tradicionais eventos passíveis de acontecer em uma unidade do Exército brasileiro.

Trata-se do rito de passagem, quando, diante dos chefes militares, da tropa, de velhos soldados e dos familiares e convidados, o comandante que sai passa o cargo ao novo que chega. Uma passagem de comando.

Após o período que desempenhou à frente da AD/1 – Artilharia Divisionária Marechal Cordeiro de Farias –, o General de Divisão Sinclair James Mayer seguiu destino para novos desafios, assumindo em seu lugar o General de Brigada João Camillo Pires de Campos.

Na gestão que findou, a Artilharia ingressou em uma nova era, quando a Costa tradicional deu lugar a novas tecnologias, e as antigas fortalezas se revigoraram, já então sediando unidades de Artilharia de Campanha e o próprio QG da AD/1, sem deixar de lado o seu rico valor cultural, integradas que estão às atividades culturais e de lazer da sociedade niteroiense.

Com a chegada das autoridades, as honras regulamentares se sucederam e, logo após, se iniciou a cerimônia com o canto do Hino Nacional brasileiro. Em sua saudação de despedida, o General Mayer, recém-promovido, fez um longo histórico das atividades administrativas e operacionais da Grande Unidade que comandou. Foi um detalhamento de bons serviços prestados, logo correspondido pelo extenso elogio que fez seu chefe imediato, o comandante da 1ª DE, General Ruy, dando uma ideia de quão profícua foi a sua gestão, qual Venerável Mestre de oficina abençoada, pedra bruta a lapidar. Ao lado de familiares e do General Mayer, sua genitora teve a felicidade de estar presente nesse dia tão significativo.

Logo foi efetivada a passagem, com as apresentações regulamentares, e a tropa preparando-se para o desfile, rompendo a marcha ao som de vibrante dobrado. Nesses momentos, em que os sons da banda se distanciam à medida que o grupamento evolui, a tomar posição para o desfile, os Velhos Artilheiros recordam os tempos em que eles mesmos estavam ali, na tropa em marcha.

Mirando o horizonte distante no mar imenso em frente, relembram saudosos aquela época. Logo as formações desfilam em frente ao palanque das autoridades, e aqueles antigos soldados reconhecem em cada estandarte tremulando sobre os grupamentos uma OM onde serviram, ou uma nova unidade que se formou após o seu tempo.

Muita coisa muda, mas a vibração continua a mesma. No rosto de cada um daqueles jovens em forma vemos a certeza de que o Brasil tem futuro, e apesar de tudo, venceremos.

As tropas se sucedem segundo a sua procedência: campanha, antiaérea, aeroterrestre, infantaria, CSM, Policlínica. O desfile termina, e os convidados se dirigem para a antiga fortaleza, onde ocorre a confraternização.

Ao fundo do salão de pedra, um busto dourado discretamente pontifica sobre o ambiente. Ainda que se trate de uma peça inanimada, o escultor foi feliz, conseguindo tirar do metal frio uma espécie de aura. O local, pouco iluminado, exige que um se aproxime para saber de quem se trata. Uma pequena placa identifica a fisionomia familiar do Marechal Cordeiro de Farias, parecendo contemplar o que se passa em volta, ele que comandou a Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária nos campos gelados da Itália, e hoje empresta o seu nome glorioso a essa Grande Unidade.

Veteranos de guerra daquela época estão presentes, contribuindo para que o rito de passagem se torne ainda mais significativo; eis que ali comparecendo, confirmam que transmitiram pelo seu exemplo e atitude a reserva moral na qual se miram os soldados de hoje.

Marechal Levy Cardoso, General Montagna, General Ventura e tantos outros, suas simples presenças emocionam a todos os convidados, merecedores que foram do *exórdio do ex-combatente* magistralmente interpretado pela banda de música, como um singelo tributo de respeito e admiração a esses Heróis da Pátria.

A manhã foi terminando, dando lugar aos momentos iniciais de uma tarde que será de trabalho para muitos dos presentes. Os convidados foram se despedindo, deixando uma saudação ao novo comandante, General Campos, com os votos de sucesso na importante missão que se iniciava, e a certeza de que ele saberá conduzir a AD/1 a novas vitórias, como seus antecessores, honrando cada vez mais o nome glorioso de Mallet.

## ORDEM DE ALERTA! GUARNECER!

Artilheiros se reúnem no Dia de Santa Bárbara

Terça-feira, 4 de dezembro de 2018, aconteceu a reunião da Ordem dos Velhos Artilheiros, com cerca de 80 presenças, homenageando Santa Bárbara com missa na Igreja de São José da Lagoa, de onde o grupo se deslocou em curta caminhada até a Sede Esportiva do Clube Militar para o tradicional almoço com o brinde do copo d'água.

O Coronel Arthur, secretário da Ordem, abriu o encontro com a entrega do Bastão de Comando da AD/1 para o Artilheiro mais antigo presente, Coronel Geraldo de Avellar Torres, da Turma de 1945 da Escola Militar de Resende.

Estavam representadas diversas turmas de formação, de 1945 a 2014. Soldados de sempre, vindos de perto e de longe, do Norte e do Sul, antigos e modernos, ilustres chefes militares ou dedicados oficiais, de todas as patentes, todas as épocas, tendo em comum o mesmo patriotismo, a mesma sensação do dever cumprido.

Um dia jovens cadetes, alunos, sonhadores. Hoje aqui estão, do general de Exército ao tenente, todos imbuídos da mesma mística, que somente a um Artilheiro é dado revelar, forjada em épicas batalhas, fortalecida em incontáveis jornadas: entrar em posição... pegar na palamenta... elementos precisos transmitidos pela Central de Tiro... Peça Pronta! Peça Atirou!

Cumprimentos, companheiros de tanto tempo, abraços. Aqui estamos. O Grande Arquiteto do Universo mais uma vez permitiu que compartilhássemos desses momentos.

Poderosa Artilharia; Fogos Largos, Poderosos e Profundos; de Tuiuti ao Monte Bastione, de Lomas Valentinas a Fornovo di Taro. A epopeia do fosso de Mallet, detendo a cavalaria paraguaia. As glórias da Artilharia Expedicionária de Cordeiro de Farias, de tantos ataques desencadeados sobre o inimigo nazista com o poder do raio e do trovão, nos campos gelados da Itália. Do Boi de Botas (designação de um regimento) aos obuseiros autopropulsados, o roncar dos motores, estrépito das lagartas, poderio de alcance, intensidade e precisão jamais sonhados naqueles tempos de outrora.

A tenacidade, o espírito de luta, a mensagem do patrono em Tuiuti, à frente do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos: “Eles que venham... por aqui não passam!”.

Sob a proteção da padroeira Santa Bárbara, a reunião vai chegando aos momentos finais, a chamada das turmas, a última estrofe da *Canção da Artilharia*, momento de grande emoção que evoca lembranças das formaturas, linhas de fogo e de figuras emblemáticas da Arma, saudosos Artilheiros que já não estão mais aqui, suas almas incorporadas às Baterias da Vida Eterna.

## capítulo 31

# FESTA NACIONAL DA ARTILHARIA

Marechal Emilio Luiz Mallet  
213º aniversário de nascimento – 2014

**N**a noite fria de maio, o Regimento Mallet de Santa Maria se engalana para receber os convidados da tradicional Festa Nacional da Artilharia.

Pessoal da ativa, temporários, da reserva. Velhos soldados, vindos de perto e de longe, do Norte e do Sul, antigos e modernos, do General de Exército aos cadetes e alunos do Colégio Militar, da praça mais antiga ao mais jovem conscrito.

Desembarcamos, cumprimentos, saudação ao comandante e companheiros que há muito não víamos, alguns desde que deixamos o serviço ativo. Abraços apertados, admiração. O tempo às vezes cobra um tributo. Cabelos grisalhos, aqui estamos.

As demonstrações se iniciam. Poderosa Artilharia, Fogos Largos, Poderosos e Profundos; o rugido das peças faz tremer os ares no campo de parada do Regimento. As salvas iluminam a noite escura de Santa Maria, aos clarões que emanam das bocas de fogo e ao facho dos holofotes que cortam os céus.

A epopeia do fosso de Mallet, detendo a cavalaria paraguaia, revive diante dos olhos do público em vibrante espetáculo de luz e som, interpretado pela

tropa envergando o uniforme histórico: vermelho e branco e perneiras.

As glórias da Artilharia Expedicionária de Cordeiro de Farias são recordadas, na reencenação do ataque desencadeado sobre o inimigo nazista nos campos gelados da Itália.

O espetáculo é magnífico. Diante do público reunido em torno do Memorial Mallet, desfila a História da Artilharia.

Logo vem a ordem de preparar para o desfile. Os Velhos Artilheiros formam em coluna por meia dúzia, juntamente com o pessoal da ativa. Entram em forma, como tantas vezes o fizeram, a preocupação com o alinhamento, a cadência certa. O tempo passou, mas o entusiasmo e a vibração permanecem, bumbo no pé direito.

Segue-se o desfile da tropa do Regimento Mallet e da 6ª Bia AAAé, com a boina preta da tropa blindada e as faces camufladas. Ao som de vibrante dobrado, fileiras sucessivas de jovens soldados se sucedem. Flâmulas e estandartes tremulam à brisa suave que vem dos pampas.

Um dia os Velhos Artilheiros também marcharam assim. Eram jovens, sonhadores. A saudade bate, trazendo um nó na garganta, talvez até incontida lágrima furtiva...

A invicta espada do Barão de Itapevy, peça de gala, dourada e de punho em cruzeta, que lhe fora apresentada pela tropa ao ascender ao posto de tenente-general, é trazida à frente da tropa.

## MALLET EM SÃO CRISTÓVÃO

O antigo aquartelamento exhibe um movimento pouco usual para aquela manhã de véspera do feriadão de Corpus Christi, em 2001. Aos poucos vão chegando os Artilheiros de todas as épocas. Trata-se do Dia da Artilharia, quando se comemoram os 202 anos de nascimento do Marechal Emilio Luis Mallet, o patrono da Arma dos Fogos Largos, Poderosos e Profundos, a protegida de Santa Bárbara.

No bairro que abrigou a Corte e o Império, esse quartel em local histórico acolheu as tropas de Artilharia que foram para a Itália, sob a égide da FEB combater o totalitarismo, a unidade que disparou o primeiro tiro da Artilharia brasileira no continente europeu, mais tarde sediando o I G Can Au A Ae 40, e hoje o 21, Grupo Monte Bastione.

Chega a Bia do Colégio Militar, os alunos envergando o tradicional uniforme garance; os cadetes da AMAN com suas barretinas; as unidades orgânicas das tropas blindadas, de boina preta; a Artilharia Aeroterrestre ostentando a boina vermelha; os Fuzileiros Navais do Batalhão de Artilharia, de farda branca.

O pessoal da reserva vai aparecendo, misturado ao pessoal da ativa. Um velhinho destaca-se na multidão. Passa pelo Corpo da Guarda exibindo a altivez e a postura própria dos grandes chefes militares. Certamente teria sido um importante general... os soldados da guarda

sentem que ali está alguém que merece honras e, automaticamente, levantam-se, prestando a continência. Estranhamente, uma súbita ventania varreu a entrada do quartel pouco antes da chegada daquele velhinho, logo se dissipando à sua passagem.

No pátio, as tropas representativas de todas as unidades da Artilharia das guarnições do Rio e Niterói formam o dispositivo entoando *Heróis de Artilharia*, os estandartes azuis tremulando ao vento. Um dia, se for preciso, eles atenderão ao chamado da Pátria.

Como atenderam nos idos da década de 1940, quando se fez necessário revidar aos ataques que sofremos, como bem atesta o monumento singelo no próprio quartel do 21, recordando os desaparecidos no torpedeamento do *Itagiba* e *Baependi*, que levavam nossos irmãos de armas do Rio para o aquartelamento de Olinda/PE.

Metade dos tenentes da FEB eram R/2. Anos depois, o próprio tataraneto do Marechal Mallet foi matriculado no Curso de Artilharia do mesmo CPOR/RJ, aquele que formou o Major R/2 Apolo Miguel Rezk, único brasileiro a receber a Distinguished Services Cross, a mais alta condecoração do Exército norte-americano por bravura em combate, segunda apenas para a Medalha de Honra do Congresso.

A banda executa *Pompa e Circunstância* enquanto os mais antigos artilheiros presentes colocam uma *corbeille* de flores junto ao busto do Marechal Mallet. Ao *toque de marechal*, a Bia/CM executa a salva de 19 tiros.

As salvas prosseguem. Metodicamente, a cada 10 segundos os ares estremezem. Mesmo não sendo um tiro real, na rua os passantes se assustam. Não sem razão, “... ruge mais no canhão a voz da guerra ...”.

Simple palavras não conseguem traduzir o acontecimento... línguas de fogo saltam das bocas de cada peça, o ruído metálico dos estojos projetados ao solo, o impacto surdo do fechamento das culatras, o cheiro da pólvora queimada... a Poderosa Artilharia faz tremer a terra ao troar dos canhões...

Somente quem teve a honra e a glória de integrar uma tropa artilheira desdobrada no terreno conhece bem o significado desse poder mais alto que se impõe no campo de batalha...

As linhas de fogo em posição, os sistemas funcionando, radares girando, a Central de Tiro efervescendo com os cálculos de derivas, elevações, distâncias, tiro longo, tiro curto, a voz do observador chegando via rádio do PO, os comandos para as peças – “Peça pronta e carregada!” NA – No Alvo –, a missão de tiro cumprida.

Peça atirou!!!

Os Velhos Artilheiros na arquibancada se emocionam. Com saudade, recordam as marchas, evoluções, manobras e cerimônias. Rápidas entradas e saídas de posição, campanhas de tiro, escolas de fogo em Gericinó, Resende, o regimento inteiro saindo cedinho, muitos ainda do tempo da Hipo, a longa fila de viaturas tracionando as peças deslizando pela estrada, ainda escuro, amanhecendo.

Um dia aqueles velhinhos foram jovens tenentes. Para alguns, o reconhecimento veio na forma das platinas de general. Para outros, o retorno para casa, às vezes anônimo, prematuro; para todos, a certeza do dever cumprido, após anos e anos de luta pelos mesmos ideais.

Como por encanto, o velhinho altivo aparece no último degrau da arquibancada. Ninguém o tinha visto, mas de repente ele ali estava... Inesperadamente, uma salva “tropa” sobre a outra... uma das artilheiras – sim, pois no Colégio Militar as meninas também guarnecem as peças! – se confundira e, com as mãos na cabeça, desespera-se pelo erro cometido.

O velhinho sorri desconcertado... não estava acostumado com a presença feminina nas baterias... Como é possível? Uma mulher atirando?! Mas o incidente é logo esquecido com o cântico da *Canção da Artilharia* por todos os presentes.

As emoções atingem um pico máximo. Sem que os demais notem, o velhinho enxuga uma lágrima furtiva... Mas não somente ele sente o coração bater mais forte...

Logo vem a ordem de preparar para o desfile. Os Velhos Artilheiros formam em coluna por meia dúzia, ao comando do General Montagna, ao lado da imensa bandeira azul ostentando ao centro a Bomba em Chamas.

Os Velhos Artilheiros desfilam em honra ao seu patrono, na cadência lenta, como soe acontecer na Artilharia desde os tempos imemoriais da Hipo, quando elegantes cavalos tracionavam pacientemente pesadas peças, cadência que ainda hoje é mantida, apesar dos altivos animais terem dado lugar à máquina.

A música da banda faz vibrar a tropa em desfile, interpretando com brilho invulgar a canção *Bateria de Cadetes*, inspirada na popular *Lili Marlene*, e logo depois a da Artilharia de Costa, seguida pela Antiaérea.

Os tradicionais sítios da Artilharia de Costa estão vivos e presentes nos estandartes do CEP e da Bia Estácio de Sá do DPEP, outrora sedes do I e II GACos, respectiva-

mente Forte Duque de Caxias e São João. Herança lusitana dos fortes que no passado repeliram os invasores, depois transformados na A Cos/1 com seus Grupamentos de Leste (GL) em Niterói e de Oeste (GW) no Rio. Os poderosos canhões 305 e 190 mm do lendário FC, o antigo III GACos, hoje Museu Histórico do Exército.

A guarda-bandeira conduz o estandarte da AD Cordeiro de Farias, seguindo-se os de todas as OMs de Artilharia das guarnições do Rio e Niterói, inclusive o Btl Art do CFN.

O velhinho admira-se com a modernidade passando diante da arquibancada. Nada igual ao material que havia no seu tempo. As tropas sucedem-se interminavelmente, com a banda mudando a cadência para o material moto.

O ruído dos motores da Autopropulsada e do Astros confunde o velho general... nomes estranhos gravados... Avibrás... Tectran... O velhinho nunca vira coisa igual na sua vida...

O desfile vai terminando. A banda ataca o *Matungo Malacara* para a peça Hipo.

Finalmente, o velhinho se regozija ao avistar o material ao qual estava acostumado, e que conduziu para a vitória em tantas batalhas. O Comandante Militar do Leste prepara-se para a retirada do aquartelamento. O corneteiro executa o toque e a banda o exórdio. Mal sabem eles que não se trata da mais alta autoridade presente...

Todos se dirigem para o parque, onde realizar-se-á o almoço, menos o velho general.

As almas no Jardim do Éden não costumam almoçar. O Grande Arquiteto do Universo criteriosamente escolhe almas selecionadas, merecedoras de um eventual retorno a este vale de lágrimas.

O velho Marechal Emilio Luis Mallet prepara-se para atracar palamenta. Por uma espécie de conduto celestial, tal qual a Caverna da Macpelah em Hebron, irá retornar.

Por ela, onde estão sepultados os patriarcas Abraão, Isaac, Jacob e Sara, sobem as almas para o outro mundo, conforme reza a tradição, o livro sagrado do Zohar.

Porque lá se encontra o Portal do Paraíso, agora presente na São Cristóvão Imperial pelos desígnios do Altíssimo em honra daquela que domina no Ar, no Mar, na Terra, e agora na Selva.

Outra súbita ventania varre agora o pátio vazio do 21. Entretidos com os camaradas de antigas turmas, os participantes do almoço mal se dão conta.

O Barão de Itapevy admira mais uma vez a sua invicta espada, exposta junto com o seu busto diante do palanque das autoridades, encantando-se por rever a peça de gala, dourada e de punho em cruzeta, que lhe fora apresentada pela tropa ao ascender ao posto de tenente-general.

Feliz, o patrono desaparece no firmamento, deixando suas bênçãos ao tataraneto, J. C. de Guilhon Mallet, ex-aluno do CPOR/RJ, e a toda a sua Artilharia...

Nós, Artilheiros do Brasil de ontem e de hoje, continuaremos honrando sua memória!!!

## capítulo 33

# FESTA DA ARTILHARIA NA GUARNIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

9 de junho de 2006

Sexta feira, cedinho, o ônibus dos Velhos Artilheiros já aguardava no PDC com a missão de transportar os integrantes da Ordem dos Velhos Artilheiros para a festa anual em que se comemora o Dia da Arma de Artilharia na Guarnição do Rio de Janeiro.

Partimos sob o comando do dedicado General Montagna, como sempre o primeiro a chegar, envergando o paletó azul com a bomba em chamas bordada em amarelo, ele que é um dos ícones da Arma, esteio da Ordem.

Em meio ao trânsito da Avenida Brasil, o Livro de Presença vai sendo passado pelo Coronel Odin, dedicado colaborador que colhe as assinaturas de quase 30 integrantes da Ordem.

Chegando, a visão da tropa já formada, elementos das diversas OMs de Artilharia da Guarnição do Rio e Niterói. Em destaque a bateria do Colégio Militar em primeiro uniforme (o branco e vermelho), contrastando com as copas das árvores ao fundo e o verde dos gramados do aquartelamento.

As boinas características das unidades blindadas e aeroterrestres destacam-se nas fileiras da tropa formada, a banda de música pronta, a enorme Bandeira do Brasil suspensa numa das edificações da unidade, dominando

o local de parada. O radar girando, duas peças apontadas para os céus e as flâmulas da Bomba Alada identificam o tradicional sítio da Antiaérea.

Na encosta da colina, diante do dispositivo da tropa formada, um número expressivo de Artilheiros da ativa e da reserva e seus familiares formam uma multidão que deve totalizar três, talvez quatro centenas, um dos maiores comparecimentos dos últimos anos.

Juntos, veteranos da FEB, oficiais R/2, representações das diversas unidades, alunos do Colégio Militar, meninos e meninas. O velho Sargento Lima, chefe de peça do Primeiro Tiro. Um dia ele foi um garoto, como os jovens soldados aqui presentes que prestam o Serviço Militar, e admiram comovidos as suas medalhas.

Antigos ou modernos, velhos camaradas confraternizam, saudações ouvidas a todo momento. Os que há algum tempo não vinham, se surpreendem com as novidades da exposição temática. Novos materiais, novas tecnologias, *softwares* e comunicações digitais substituíram as velhas Tábuas de Logaritmos, réguas de tiro, telefones de campanha e rádios analógicos utilizados por tantas gerações de artilheiros.

O Museu Histórico do Exército e Forte Copacabana comparece com notável amostra de seu acervo, agora aberto ao público e desempenhando importante papel cultural junto à comunidade.

O cerimonial vai se sucedendo lá em baixo, no pátio que se estende diante do público e onde forma a tropa em frente ao palanque das autoridades que se ergue ao sopé da encosta. Da posição privilegiada no *plateau*, os presentes podem apreciar abrangente visão panorâmica da festa, na amplidão dos espaços abertos.

Os quartéis da Vila Militar e do Campo dos Afonsos não permitiram a urbe incontrolável avançar, preservando em meio ao aglomerado urbano gigantesca área quase plana e desobstruída, onde os pássaros ainda podem evoluir e cantar, e todos usufruírem o ar livre que permite fugir do confinamento imposto pela selva de concreto alhures.

Momento solene. O *Hino Nacional*, cantado com vibração. Diante da tropa em continência, a bateria do Colégio Militar executa a salva regulamentar em homenagem ao patrono, Marechal Mallet, alguns usando o mesmo uniforme histórico, azul e vermelho, que as tropas de Artilharia envergaram em tantas batalhas que determinaram a sua entrada para a História, como os heróis de Passo da Pátria, Estero Bellaco e Tuiuti, e, mais tarde, já com a farda verde-oliva, Monte Castelo, Montese, Monte Bastione e tantas outras.

O ribombar dos disparos faz pulsar mais forte o coração dos Velhos Artilheiros, recordando a voz poderosa do canhão ouvida em tantos exercícios e manobras, na paz ou na guerra, e ainda hoje pelos da ativa na labuta constante dos quartéis.

A fumaça branca levada pelo vento compõe ao longe um quadro digno de uma pintura, enquanto os jovens artilheiros – entre os quais se incluem alunas do Colégio Militar – executam com precisão as salvas rigorosamente cronometradas.

Em sua mensagem, o comandante da Artilharia Divisionária Cordeiro de Farias (AD/1), General de Brigada Sinclair J. Mayer, exalta a figura do patrono.

É chegada a hora do desfile em continência à maior autoridade presente, o comandante militar do Leste, General de Exército Domingos Curado.

Os Velhos Artilheiros entram em forma. À frente, os generais, que no seu tempo exerceram elevados cargos: ministros, comandantes da Força, departamentos, exércitos, comandos militares de área, divisões, brigadas, ADs, seguidos pelos demais companheiros, reformados, da reserva, R/2, enfim, todos irmanados mais uma vez desfilando diante das autoridades, como a retornar àqueles tempos saudosos, junto com os da ativa que hoje vivem esse mesmo clima.

A cerimônia termina e o público visita a exposição montada pelo Grupo General Alves Maia. Uma presença expressiva: o Marechal Levy Cardoso, decano da Ordem dos Velhos Artilheiros e detentor do Bastão de Comando da FEB, visita demoradamente cada *stand*, interessando-se pelos dizeres explicativos dos diferentes materiais. Seu entusiasmo e vibração continuam os mesmos aos 105 anos, verdadeiro exemplo de vida dedicada ao Exército e ao Brasil.

Em seguida, todos se dirigem para o ginásio. Precedendo a feijoada de confraternização, o comandante da AD, General Mayer, anuncia que a próxima Festa da Artilharia, em 2007, será no tradicional GEsA, o nosso Grupo-Escola, e o lançamento do DVD *Mallet*, filme produzido pelos Artilheiros da Guarnição do Rio de Janeiro com a colaboração da Escola de Comunicações, que passa a ser exibido em primeira mão.

Diante do expressivo público que lota o ginásio, desfila na tela a vida do Marechal Mallet: chegando ao Brasil com a família; a formação, as lutas, o recolhimento ao final e as homenagens prestadas quando do traslado solene ao Memorial em Santa Maria/RS.

Obra inédita, o documentário é de primorosa elaboração. Certamente será de grande valor para todos aqueles

que cultuam o Patrono da Artilharia, servindo de importante subsídio para os que estudam o tema, conforme atestam as palavras do General Montagna em seu agradecimento ao anfitrião.

Uma lauta feijoada encerra a manhã de festa.

Retornando ao ônibus, os Velhos Artilheiros dão por cumprida a sua missão nesse dia memorável. A viagem transcorre calma no horário de pouco movimento pela Avenida Brasil. Momentos de reflexão, vidas inteiras desfilam pela mente, histórias de dedicação à farda, ao país. Em pouco tempo chegamos de volta ao PDC para a dispersão, já saudosos.

Até 2007 no GEsA!!!

## ANIVERSÁRIO DO GESA

2006

A manhã era radiante, como convém a uma data tão significativa. Para não poucos Gesianos a noite fora mais curta que as outras. O relógio custava a indicar a hora do despertar para mais uma ida ao antigo aquartelamento.

O reencontro anual com os irmãos de armas, companheiros de tantas jornadas de instrução, os deslocamentos, a unidade se desdobrando no terreno para mais uma escola de fogo, acampamentos, tempos saudosos ...

A viagem hoje é tranquila. Apenas um rápido passeio pela Linha Vermelha no contrafluxo, o engarrafamento gigantesco serpenteando apenas na pista contrária.

Logo chegamos a Deodoro, ainda hoje um importante entroncamento ferroviário. Passageiros aglomerados na estação, aguardando o transporte para mais um dia de trabalho. Saberiam eles que estão diante das tradicionais linhas da Central do Brasil impregnadas de história, por onde um dia trafegaram as tropas da FEB em direção ao Cais do Porto, a embarcar rumo ao Teatro de Operações da Itália? Para a maioria é provável que não. Seus pensamentos estão no relógio, em como não perder a hora para chegar ao batente.

Adentramos a Vila Militar passando ao lado de pórticos, antigas peças, placas indicativas de uma época distante que não muitos ainda se preocupam em recordar.

O carro para no sinal, e nossos pensamentos evoluem de volta ao tempo em que lá servíamos. A Vila já não é mais a mesma. Novos contornos geopolíticos determinaram mudanças estratégicas na concentração geográfica do fator militar do Poder Nacional. Unidades se deslocam para novos destinos; as que ficam reúnem efetivos menores do que deveriam. Enfim, quem percorreu a Vila Militar em outros tempos percebe a diferença. As fardas verde-oliva já não tanto se massificam ao longo de calçadas, pontos de ônibus e as plataformas da Central. Menos quartéis, menos soldados, nem todos andam fardados, o colorido do verde dando lugar ao camuflado, o bibico à boina.

Os tempos do automóvel, privilégio de alguns, já se foram. As viaturas militares chegavam a predominar sobre o tráfego civil, elas que hoje pouco são notadas, até porque nem todas têm o privilégio de sair amiúde dos quartéis, dadas as cotas de combustível.

Nem existe mais o famoso “3 – MILITAR”, o trem que fazia a ligação direta da cidade, bem cedinho, e onde as professorinhas normalistas tinham lugar assegurado, o que acabava dando em muitos namoros, noivados e casamentos... Eram os Anos Dourados.

O sinal abriu, o tráfego vai escoando lentamente à nossa frente. Logo estamos diante do portão. O céu azul e o gramado em frente. Espaços amplos; estamos em casa, ares amigos. Desembarcamos, cumprimentos, saudação ao comandante e companheiros que há muito não víamos, alguns desde que deixamos o serviço ativo. Abraços apertados, admiração. O tempo às vezes cobra um tributo: cabelos grisalhos, outras medidas de cintura...

Aqui estamos. O Grande Arquiteto do Universo mais uma vez permitiu que compartilhássemos desses

momentos. A tropa já está formada no pátio. O mesmo de onde partiram as baterias que formaram o IV ROAuR recém-constituído, para cobrir-se de glória, integrando a Artilharia Divisionária (AD) da FEB nos combates da II Guerra Mundial.

Em um grande esforço, unidades hipomóveis converteram-se rapidamente em motorizadas, naquele que era ainda um país quase rural, mas cujos filhos saberiam atender ao chamado para responder aos ataques traiçoeiros dos quais fomos vítimas, e defender a democracia ameaçada.

Logo se inicia a solenidade, com a tropa entoando a *Canção do Exército*. Após as palavras de praxe das autoridades e a salva tradicional, é dada a ordem de preparar para o desfile. Os antigos Gesianos logo entram em forma. Novamente, como tantas vezes o fizeram, a preocupação com o alinhamento, a cadência certa. O tempo passou, mas o entusiasmo e a vibração permanecem.

Chegou o momento sempre tão aguardado, do desfile diante do palanque, onde já se posicionaram os comandantes da DE, da AD/1, do Grupo e demais autoridades presentes. A banda de música do Regimento Avaí, o Dois de Ouro, é um espetáculo à parte, executando magistralmente vibrantes dobrados, fazendo jus às suas tradições. A nossa primeira tropa de paz, incorporada à United Nations Expeditionary Force (UNEF) na Faixa de Gaza, popularmente conhecida como o Batalhão Suez. À retaguarda, todo o Grupo se encontra em forma, aguardando a sua vez de desfilar em continência.

Após a passagem diante do palanque, o fora-de-forma, os veteranos se postam nas laterais, observando a tropa que já vem descendo a alameda. Ao rufar dos tambores da

banda fileiras sucessivas de jovens soldados se sucedem. À frente de cada grupamento, as fâmulas de cada Bateria. A marcialidade da tropa impressiona. A maioria jovens prestando o Serviço Militar. Só de contemplar seus rostos já valeu a pena ter vindo. A harmonia, a cadência e a atitude expressam um sentimento forte que faz com que todos se emocionem. Um dia nós também marchamos assim. Éramos jovens tenentes, jovens sargentos, jovens soldados.

Do outro lado da alameda, um senhor idoso assiste ao desfile. Não havia se misturado aos grupos de veteranos para as conversas e cumprimentos. Talvez fosse muito mais antigo.

O arvoredo sobre as alamedas lança uma sombra abate a iluminação do dia claro.

Algo sugere que aos veteranos presentes outros se juntaram, também se contagiando com a emoção do desfile. Ainda que não possam estar presentes fisicamente, algo nos diz que eles vieram, por sobre a copa das árvores, ou furtivamente ao lado de um tronco, do outro lado da alameda. De Mallet a Cordeiro de Farias, gerações de velhos artilheiros.

O desfile vai terminando. Vamos para o retrato diante do prédio do Comando, e o almoço festivo. O tempo passa mais depressa do que gostaríamos. Logo chega a hora de retornar. Novos abraços, últimos momentos contemplativos das fisionomias conhecidas dos velhos camaradas.

Retornamos pensativos pela Avenida Brasil. Algum remorso pela ingestão da deliciosa feijoada, a caipirinha, o bolo de aniversário... só desta vez, uma ocasião especial...

Adeus GesA. Até 2007 nos 75 anos do Grupo Escola!  
GesA... Ontem, hoje, sempre – BRASIL.

## capítulo 35

# OS 76 ANOS DO GRUPO ESCOLA

1932 - 2008

**D**ia de festa no antigo Regimento. Pelo Portão das Armas, por onde um dia passaram lentamente as peças Krupp 75 tracionadas por elegantes Percherons, vão chegando os GESianos de todas as épocas, alguns de cabelos brancos, outros mais recentemente desmobilizados, da época dos obuseiros 105 mm L118 Light Gun. O material muda, mas o espírito permanece.

Unidade tradicional do nosso Exército, deixou seu nome glorioso inscrito na História ao participar dos acontecimentos de 27 de novembro de 1935 e 31 de março de 1964,.

Os convidados recordam os velhos tempos, enquanto a tropa assume o dispositivo. A banda do Dois de Ouro justifica sua fama, executando à perfeição o Hino Nacional brasileiro. Da varanda do prédio no alto da colina os veteranos se emocionam, como que se imaginando eles mesmos ali em forma, em meio às árvores frondosas no gramado verde bem cuidado.

O ex-comandante mais antigo dirige-se para a peça posicionada à retaguarda da tropa. Uma salva do obuseiro faz ouvir a voz da Poderosa Artilharia, sob as palmas dos presentes.

Logo é hora de formar a “Bateria da Saudade” para o desfile, os antigos comandantes à frente, seguindo-se veteranos de todas as épocas e os que ainda estão na ativa.

Ao som da *Canção do Grupo*, novamente os antigos GESianos sentem a mesma vibração de 10, 20, 30 anos atrás, desfilando em passo firme e cadenciado à frente do palanque das autoridades, onde o comandante do Grupo executa a continência.

Seguem-se as baterias do GESa, aos acordes de *Matungo Malacara* e *Aviação Embarcada*, magistralmente interpretados pela banda, eletrizando tanto a tropa que desfila quanto os que assistem. Nos rostos suados dos jovens soldados, sargentos, tenentes e capitães pode-se notar o espírito decidido por trás da fisionomia séria. São os modernos discípulos de Mallet, inspirados nas vitórias do patrono. Na juventude assim repousa nossa esperança de um Brasil melhor.

A banda toca o *Parabéns pra você*, encerrando a solenidade ao que se seguirá o almoço festivo no ginásio, com a famosa feijoada *light* e o bolo.

Entretanto, faltou alguém nas comemorações. Mas, mesmo assim, o antigo comandante do grupo quis se fazer presente e, pelas mãos do filho, realizou a sua vontade de que uma artística pintura da padroeira, Santa Bárbara, fosse dedicada ao grupo por ocasião da sua festa.

O General Montagna, um ícone da Artilharia brasileira, deixou saudades, ele que, há bem pouco tempo, ainda desfilava à frente do grupamento de veteranos.

Quis que a sua santa, entronizada no PC do grupo, de lá enviasse perenemente as bênçãos aos Artilheiros do Grupo Escola que comandou, como ele mesmo desejaria receber.

Os Velhos Artilheiros se despedem. Caminhando pelas aleias arborizadas do aquartelamento, vem a sensação de que uma figura conhecida poderia assomar a qualquer momento, dobrando a esquina ou saindo de um parque...

Mas é apenas uma divagação... A festa terminou; horas mais curtas que o desejado... Até 2009!!!

## 10 DE JUNHO NOS QUARTÉIS DE ARTILHARIA PELO BRASIL

**N**a manhã luminosa de 10 de junho, o tradicional Grupo se engalana para receber os Artilheiros de ontem, hoje e de sempre.

Segue-se o desfile das unidades de Artilharia. Os acordes da banda fazem vibrar a tropa, que desfila com garbo e marcialidade. A guarda-bandeira conduz os estandartes, seguindo-se representações das diversas unidades, envergando a boina preta da tropa blindada, *grenat*, dos paraquedistas, cinza, da tropa de montanha, azul, dos estabelecimentos de ensino, uniformes históricos, fuzileiros de boné, cadetes da AMAN com as barretinas. Ao som de vibrante dobrado, fileiras sucessivas de jovens soldados se sucedem. Flâmulas e estandartes tremulam à brisa suave da manhã.

Hora do rancho: o ginásio se torna pequeno para tantos Artilheiros. O Brinde do Copo d'Água, a Chamada das Turmas, a última estrofe da *Canção da Artilharia*.

# BIOGRAMA DO AUTOR

Israel Blajberg

**B**rasileiro nato de primeira geração. Casado com a Arquiteta Marlene R. Blajberg, possuem quatro filhos e nove netos. Engenheiro eletrônico, Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil (1968). Engenheiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES, 1975 a 2011) e professor das escolas de Engenharia da UFRJ e UFF (1969-2015).

Ex-aluno do CPOR/RJ, Turma Marechal Rondon, Artilharia 1963-1965, estágio no FC e 3º GACos. Amigo da AD/1, MMCL, AHEx e DPHCEX. Sócio honorário da Association Française des Ancien Combattants. Sócio benemérito da Associação dos Ex-Alunos do CPOR/RJ. Integrante da Ordem dos Veteranos Artilheiros (OVART).

Cursou a ESG em 2004 (CAEPE) e 2007 (CLMN).

Sócio titular e emérito do IGHMB, Cadeira 79 – Marechal Mascarenhas de Moraes.

Presidente do Conselho Deliberativo da Casa da FEB.

Diretor de Redação – SOAMAR-RIO.

Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB/Rio).

Conselheiro da Associação dos Antigos Alunos da Polytechnica (A3P).

Representante do Brasil no Full Board da International Commission of Military History.

Diretor Acadêmico do Memorial Judaico de Vassouras.  
Integrante do Corpo de Pesquisadores Associados do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CPA/CEPHiMEx).

Autor de *Soldados que vieram de longe, Estrela de David no Cruzeiro do Sul* e *Herança espiritual judaica – Brasilidades*.

Participou do I Seminário de Estudos sobre o Brasil na II Guerra Mundial (I SENAB, 2012) com o trabalho “1942 – Um ano singular”. Palestrante na Casa do Saber: Tecnologia da II Guerra Mundial, maio de 2010. Recebeu o Prêmio UFF de Literatura com o trabalho “Adeus à UFF” em dezembro de 2007.

### **Condecorações**

- Ordens do Mérito da Defesa, Naval (comendador), Militar (oficial) e Aeronáutico.
  - Ministério da Defesa: Medalha da Vitória.
  - Marinha: Medalha de Amigo da Marinha, Medalha Tamandaré.
  - Exército: Medalha do Pacificador, Medalha Exército Brasileiro, Tributo à FEB
- Federazione Italiana Ex-Combattanti – Cruz do Combatente da Europa.
- Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes (ANVFEB), Cruz do Combatente Polonês, Mérito dos Veteranos Poloneses e Antigos Presos Políticos, *Pro-Memoria* do Governo Polonês, Cruz do Combatente da Europa (francesa e italiana).

## 28 IMAGENS SELECIONADAS

(acervo do autor)



1º Tiro no 21 GAC São Cristóvão, 16 set. 2005 – Chefe de Peça:  
Sargento Lima.



1º Tiro no 21 GAC São Cristóvão, 16 set. 2005.



1º Tiro no 21 GAC São Cristóvão, 16 set. 2005 – Cabo Adão (atirador).



1º Tiro no 21 GAC São Cristóvão, 16 set. 2005 – Coronel Salli, Major Elza, Tenente Galper, Tenente-Coronel Vanutelli.



1º Tiro no 21 GAC São Cristóvão, 16 set. 2005 – General Mayer e autoridades.



1º Tiro no 21 GAC São Cristóvão, 16 set. 2005 – Sargento Lima.



1º Tiro no 21 GAC São Cristóvão, 16 set. 2005 – Sargento Lima.



2005 – Peça da Bia O CPOR/RJ em homenagem ao Tenente Galper (antigo Quartel de São Cristóvão).



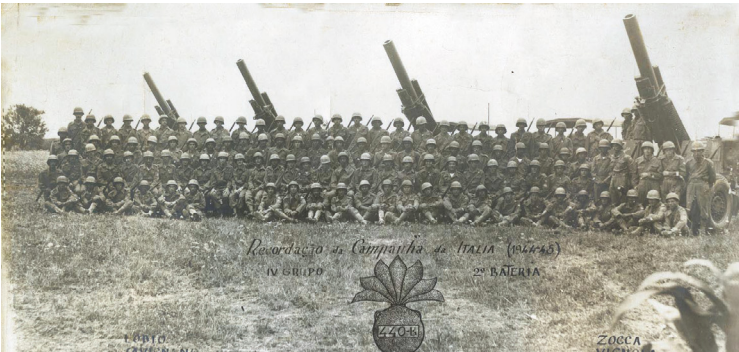
2007 – Aniversário Major Elza com General Castro (Chefe DEP e Sra.).



21 GAC Entrada da barra vista do Forte Barão do Rio Branco, 2017.



21 GAC São Cristóvão, 2017 – Portão das Armas em ruínas.



2ª Bia IV Grupo da FEB – Capitão Samuel Kicis, 1945.



Aniversário do GEsa General Montagna à frente do Grupamento



Aniversário do Regimento Floriano ainda na Vila Militar, 2005 (atual G Art Selva de Marabá/PA).



Barueri – Último Tiro, 25 abril 2012.



Barueri – Último Tiro, 25 abril 2012 – Coronel Amerino,  
General Nery e General Catão.



Barueri – Último Tiro, 25 abril 2012 – Tenente-Coronel Carmona, Coronel Amerino, General Nery e o autor.



Dia da Artilharia, 11 GAC, 10 junho 2008 – Generais de Exército à frente do Grupamento da Saude.



Dia da Artilharia, 11 GAC, 10 junho 2008 – General Muniz Sec O Vet Art.



Dia da Artilharia, 11 GAC, 10 junho 2008 – Mar. Levy e o autor.



Dia da Artilharia, 11 GAC, 10 junho 2008 – Palanque das autoridades.



Forte Copacabana, Dia de Santa Bárbara, 4 dez. 2006, 106 anos – Marechal Levy Cardoso, filhos e genro, General de Exército Moreira.



Forte Copacabana, Dia de Santa Bárbara, 4 dez. 2006 e aniversário do Marechal Levy Cardoso.



General Montagna no almoço da Ordem dos Vet Art Club Mil 2005



MMCL Sessão Posse do Autor na AHIMTB – Professor Israel, General Gleuber, Coronel Bento, General Nery, Coronel Sergio, Veterano FR Alain Mirabet Vialon



– Obras do Coronel Portella.



Reencenação do 1º Tiro no 21 GAC, São Cristóvão, 16 set. 2005.



Sepultamento do Coronel Salli, 10 de março de 2010, Cemitério Comunal Israelita, Caju, Rio de Janeiro.



## ISRAEL BLAJBERG

É brasileiro nato de primeira geração, casado com a Arquiteta Marlene R. Blajberg, possuindo quatro filhos e nove netos. Engenheiro eletrônico pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, Turma Povo Brasileiro, 1968. Engenheiro Coordenador do BNDES (1975 a 2011) e professor das Escolas de Engenharia da UFRJ e UFF (1969-2015).

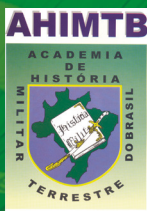
Em 1963, foi incorporado como voluntário ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro (CPOR/RJ), sendo declarado Aspirante a Oficial da Reserva da Arma de Artilharia em 1965, Turma Centenário do Marechal Rondon, classificação 02/37. Seguiu-se o Estágio de Instrução no Forte de Copacabana e 3º Grupo de Artilharia de Costa, após o que ingressou na Reserva Atenta e Forte como 2º Tenente R/2. Membro da Ordem dos Veteranos Artilheiros (OVART), seu Diploma leva a assinatura do Marechal Waldemar Levy Cardoso.

É membro das Ordens do Mérito da Defesa, Naval (Comendador), Militar (Oficial), e Aeronáutico.

[ibljberg@poli.ufrj.br](mailto:ibljberg@poli.ufrj.br)



DESDE  
1936  
PESQUISANDO - HONRANDO - DEFENDENDO



*Peça Atirou! – Contos de Artilharia* reúne 36 breves narrativas que atravessam o tempo para contar a história, as tradições e o espírito dos artilheiros brasileiros. A partir de memórias pessoais e episódios verdadeiramente históricos, o Engenheiro e Tenente da Reserva Israel Blajberg conduz o leitor por momentos marcantes que vão dos campos de batalha da Guerra do Paraguai aos combates da Segunda Guerra Mundial, passando por quartéis, solenidades, encontros e despedidas de companheiros.

Mais do que relatar fatos militares, o livro revela o lado humano da vida militar: a camaradagem, a coragem, a saudade dos que partiram e o orgulho de servir ao país. Entre lembranças emocionadas, tecnologia militar e histórias de personagens que ajudaram a construir essa tradição, cada capítulo preserva a memória de gerações de soldados.

LETRACAPITAL

ISBN 978-65-5252-308-2



9 786552 152308 2